

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências
Departamento de Sociologia e Antropologia

JULIA MARIA GOMES E CARVALHO

**O MERCADO DA SOMBRA E DAS SOBRAS:
UMA ANÁLISE A CERCA DO PROCESSO DA RECICLAGEM NA
CIDADE DE MARÍLIA – SP**



**Marília
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JULIA MARIA GOMES E CARVALHO

**O MERCADO DA SOMBRA E DAS SOBRAS:
UMA ANÁLISE CERCA DO PROCESSO DA RECICLAGEM NA CIDADE DE
MARÍLIA – SP**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Universidade Estadual Paulista – como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Sociologia

Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

Bolsa: PET MEC/SESu/DIPES de
Ciências Sociais

**Marília
2008**

Ficha catalográfica elaborada pelo

Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

Carvalho, Júlia Maria Gomes e.

C331m O mercado da sombra e das sombras : uma análise acerca do processo da reciclagem na cidade de Marília – SP / Júlia Maria Gomes e Carvalho - Marília, 2008.

99 f.; 30 cm

**Trabalho de Conclusão de
Curso (Graduação em
Ciências Sociais) – Faculdade de
Filosofia e Ciências –
Universidade Estadual Paulista,
2008.**

Orientador: Prof^o. Dr^o. José Geraldo Alberto Bertoncini

Poker

Bibliografia: f. //-//

1. Lixo . 2. Reciclagem. 3. Catadores de materiais
recicláveis – Marília - SP. I. Autor. II. Título.

CDD 331.798

JULIA MARIA GOMES E CARVALHO

**O MERCADO DA SOMBRA E DAS SOBRAS:
UMA ANÁLISE A CERCA DO PROCESSO DA RECICLAGEM NA CIDADE
DE MARÍLIA – SP**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Universidade Estadual Paulista – como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Marília, 10 de dezembro de 2008.

Prof. Dr. Francisco Luiz Corsi

Professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/ Campus de Marília

Prof. Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Campus de Marília

Prof. Dra. Mirian Cláudia Lourenção Simonetti

Professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Campus de Marília

**Dedico este trabalho à minha mãe
Dileta Maria Gomes,
O maior amor de todas as minhas vidas.**

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, minha melhor amiga e minha alma gêmea Dileta Maria Gomes, por sempre acreditar em mim e me apoiar incondicionalmente em tudo que eu fiz, faço, e tenho certeza, também no que farei. Sem sua força, coragem, luta e amor, eu jamais teria chegado até aqui.

Ao meu pai, Nilson José de Carvalho Junior, que mesmo aos trancos e barrancos, com todos os empecilhos que a vida nos colocou, eu sei que sempre torceu e que torcerá por mim. Sem a sua ajuda este sonho, hoje realizado, também não teria acontecido.

A minha irmãzinha Natalia, que será sempre a minha pequenininha.

A minha avó Lilá, minha segunda mãe, minha fofa, meu colo, meu aconchego.

A minha tia Sylvia, que não importa como e nem onde esteja, será sempre querida e lembrada graças a força e a vitalidade que tinha.

A minha tia - prima Aurora que sempre me defendeu e se doeu por mim, além de ter me dado os melhores primos do mundo Claudia e Sandro, pessoas que eu sei que sempre estarão ao meu lado pro que der e vier.

A Isabela que iluminou nossas vidas.

Aos meus alunos de inglês que me ajudaram a me manter em Marília, principalmente a Paty, de quem eu sempre vou lembrar como as melhores aulas, a aluna mais dedicada, e que me escutou nos momentos em que a Julia esquecia que era professora, e chorava, tagarelava, fofocava...

Aos amigos que eu fiz na faculdade os quais eu faço questão de listar um a um:

Ao Rodrigo Fessel, que desde a matrícula na faculdade me cativou e continuou a me cativar até hoje, meu companheiro de *Show de Calouros*, sempre me fazendo rir e me mostrando que a vida é simples e deve ser levada simplesmente... *Like a Virgin!*

As meninas do pensionato, Isabela, Ane, Tamires, Amália, Tati e Nanda, juntas superamos o desafio que é o primeiro ano longe de casa.

A Nanda destrambelhada e bagunceira, amiga que virou irmã.

Aos pais da Nanda, tia Graça e tio Donizeti, que por muitas vezes me deram colo e foram meus pais postiços.

Ao Odirlei, pela ajuda e pelo exemplo de dedicação e competência.

A Michele, minha grande amiga, juntas sonhamos e construímos um lar... que mesmo longe será para sempre.

Ao Chiquinho, carinho da minha vida, que me emociona sempre e sempre, principalmente quando sobe num palco. Você é uma luz, muito intensa, e eu quero você sempre perto de mim, minha estrela!

Ao Julian, meu psicólogo de plantão, que me escutava, me aconselhava, e que também me deixava maluca... com certeza saio daqui um pouco DDA, Desesperadamente e Definitivamente Apaixonada por você.

Ao Caio e a Cris, meu casal vinte preferido! Sempre me ajudando, me dando carona, me ouvindo e rindo das minhas maluquices. Vocês pra mim são eternos... e ai se eu não for madrinha!!!

A Laís que por muito tempo foi minha metade em Marília. Saiba que sempre torcerei pela sua felicidade.

Ao Ercílio, por me mostrar um mundo que eu desconhecia. Você me mostrou que eu posso sim voltar atrás, que eu posso parar e pensar, e que eu também tenho o direito de errar. Feliz ou infelizmente, será impossível esquecer-lo, você será sempre, Minha História.

Ao Fernando e a Cíntia, que vão sempre morar no meu coração. Por um ano e meio vocês foram a minha família, o meu lar...acidentes de percurso acontecem, mas eles servem para que a gente, de uma forma ou de outra, dê valor ao que tem.

A Luana, minha *bixete* querida, que em pouquíssimo tempo me conquistou, e virou irmã. Você é apaixonante!

A minha amiga Andréa que mesmo longe, cada uma no seu mundo, sempre se fez presente.

Ao Programa de Educação Tutorial – PET da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação pelos três anos de financiamento e pela infra-estrutura que mesmo *sem estrutura* me auxiliou na realização deste trabalho.

Aos companheiros petianos que atravessaram a minha vida de 2006 a 2008.

Aos alunos da XLIII Turma de Ciências Sociais – *100 estruturas* -, especialmente, o Guilherme, e conseqüentemente o Luís; o Esdras e a Simone, conseqüentemente, o *cuti-cuti* do Pedro.

Ao Antônio e a Lívia do PET de Biblioteconomia que me ajudaram a normalizar o trabalho.

Ao tutor do PET, e meu orientador de pesquisa professor José Geraldo Alberto Bertoncini Poker, pela paciência e ensinamento ao longo desses quatro anos.

Aos professores que jamais conseguirão passar em branco na vida de qualquer aluno, Odair da Cruz Paiva, Lucia Arrais Morales e Lídia Maria Viana Possas, seus ensinamentos foram inesquecíveis.

A professora Mirian Cláudia Lourenção Simonetti, que sempre me ajudou em tudo o que eu precisei, além de sempre me instigar e incentivar. Você foi imprescindível na minha formação.

Ao professor Francisco Luiz Corsi, pela paixão com a qual trabalha e que aceitou participar da minha banca.

A todos os funcionários da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília por toda a ajuda, respeito e simpatia, vocês são indispensáveis!!

A todos que passaram pela minha vida durante o curso, e que fizeram destes quatro anos a maior aventura, o maior aprendizado, e o maior crescimento pessoal da minha vida!

Agora eu vou partir mundo afora, sem pensar, sem demora, vou escrever novas histórias...

Obrigada!!!

**“Quando os elefantes brigam,
quem sofre é a grama”**
Provérbio africano

RESUMO

O lixo possui conotações distintas de acordo com a situação social e cultural na qual o homem está inserido. Entretanto de uma maneira geral é possível destacar que ele, o lixo, é aquilo que se coloca para *fora de casa*, ou seja, o que não se quer ter contato. Atualmente, devido catástrofes ambientais de porte mundial, como o dilema do aquecimento global, o debate ambientalista insere-se cada vez mais no cotidiano dos homens. Atrelado a este fator tem-se a condição de precarização do trabalho, inerente ao processo de produção capitalista, que acaba contribuindo para o crescente número de desempregados no mercado de trabalho. O Brasil é hoje, recordista mundial em reciclagem de latas de alumínio, de 50% reciclados em 1993, este número subiu para 83% em 2003, além de a reciclagem ter aumentado de maneira geral de 38,8 % em 1993, para 43,9% em 2003. Contudo o indicador de *Coleta Seletiva de Lixo* mostra números incipientes no país, apenas 7 % do lixo produzido é coletado seletivamente, sendo que deste, 6% das residências são atendidas por serviços de coleta seletiva existente em cerca de 8% dos municípios brasileiros (dados do IBGE). Mediante estes números pode-se montar um panorama da reciclagem no Brasil, e assim, inevitavelmente, surge uma questão: como, a partir de números incipientes em relação a coleta seletiva de lixo no País, o mesmo consegue ser recordista mundial na reciclagem de latas de alumínio? É a partir deste questionamento que emerge o catador de material reciclável. Visando analisar os procedimentos adotados pelo Brasil na gestão dos resíduos sólidos, propostos pelo documento da Agenda 21, enfatizando o processo da reciclagem, o presente trabalho faz um recorte procurando compreender a dinâmica da cadeia produtiva da reciclagem na cidade de Marília - SP.

Palavras – Chave: Catadores de materiais recicláveis, Lixo, Resíduo Sólido, Reciclagem, Agenda 21.

ABSTRACT

The garbage has different meanings due to the man's social and cultural situation. However, in general, it is possible to highlight that garbage is everything we put *out of house*, i.e., the stuff we don't want to be in touch. Today, because of the environmental disasters that we are having all over the world like the dilemma of global warming, the environmentalist discussion are getting increased on men's daily life. Coupled to this factor we have the deteriorating condition of work, inherent in the process of capitalist production, which ultimately highlight the growing number of unemployed in the labor market. Brazil is today, world record in recycling of aluminum cans, 50% recycled in 1993, this number rose to 83% in 2003, in addition to the recycling in general has increased from 38.8% in 1993 to 43, 9% in 2003. However the indicator of garbage collection numbers shows incipient in the country, only 7% of the waste produced is collected selectively; of these, 6% of households are served by selective collection of existing services in about 8.2% of Brazilian municipalities (data from the IBGE). By these numbers you can assemble a picture of recycling in Brazil, and so, inevitably, a question arises: how, from incipient numbers of garbage collection in the country, it can be the world record in the recycling Aluminum cans? It is from this question that emerges the recyclable material picker. Aiming to examine the procedures adopted by Brazil in solid waste management proposed by the document Agenda 21, emphasizing the process of recycling, this work makes a cut seeking to understand the dynamics of the productive chain of recycling in the city of Marília - SP.

Key - Words: Recyclable material pickers, garbage, solid waste, recycling, Agenda 21.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	46
Figura 2.....	47
Figura 3	63
Figura 4	64
Figura 5.....	64
Figura 6.....	69
Figura 7.....	70
Figura 8.....	70
Figura 9.....	71
Figura 10.....	71
Figura 11.....	74
Figura 12.....	75
Figura 13.....	75
Figura 14.....	75
Figura 15.....	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	50
Gráfico 2	50
Gráfico 3	50
Gráfico 4.....	51
Gráfico 5	51
Gráfico 6	57
Gráfico 7	57
Gráfico 8	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	46
Tabela 2.....	52
Tabela 3.....	52
Tabela 4.....	53
Tabela 5.....	53
Tabela 6.....	53
Tabela 7.....	54
Tabela 8.....	54
Tabela 9.....	54
Tabela 10.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIM – Associação Comercial e Industrial de Marília

CEMPRE – Compromisso Empresarial para a Reciclagem

CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente

COTRACIL – Cooperativa de Trabalho Cidade Limpa

IBAMA – Instituto Brasileira de Meio Ambiente e Recursos Naturais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e cultura

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

ONU – Organização das Nações Unidas

PPS – Partido Popular Socialista

PT – Partido dos Trabalhadores

SISNAMA – Sistema Nacional de Meio Ambiente

SUCEN – Superintendência de Controle de Endemias

SVMA – Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

SUMÁRIO

Introdução.....	14
1 Sobre o lixo e os resíduos sólidos.....	26
1.1 Uma história do lixo.....	26
1.2 O lixo no espaço urbano.....	28
1.3 Consumo e desperdício.....	29
1.4 Sobre os resíduos sólidos.....	31
1.4.1 Lixo e resíduos sólidos: representações.....	31
1.5 Sobre o conceito de “resíduo sólido” utilizado no presente trabalho.....	34
2 Os resíduos sólidos no debate ambiental.....	36
2.1 Breve histórico sobre o debate ambientalista.....	36
2.2 Os resíduos sólidos e as iniciativas do governo brasileiro: rumo a uma Política Nacional de Gestão dos Resíduos Sólidos?.....	39
2.2.1 os resíduos sólidos na Agenda 21.....	40
2.2.2 Os resíduos sólidos e os mecanismos legais de defesa ambiental do Brasil.....	42
3 A gestão dos resíduos sólidos.....	45
3.1 Sobre o tratamento e a destinação dos resíduos sólidos.....	45
3.1.1 Sobre a Coleta Seletiva e a Reciclagem com ênfase na realidade brasileira.....	48
3.1.1.1 A Coleta Seletiva.....	49
3.1.1.2 Sobre a Reciclagem.....	51
3.1.2 A figura do Catador de Material Reciclável no Brasil.....	56
4 A cadeia produtiva da reciclagem na cidade de Marília – SP.....	61
4.1 Breve panorama do lixo em Marília – SP.....	61
4.2 Os catadores de materiais recicláveis da cidade de Marília – SP....	62

4.2.1 Uma análise da realidade dos catadores de materiais recicláveis.....	63
4.2.1.1 A iniciativa da COTRACIL.....	67
4.3 A cadeia produtiva da reciclagem em Marília – SP.....	72
4.3.1 A rotina da reciclagem.....	72
Considerações finais	77
Referências Bibliográficas.....	80
Bibliografia Consultada.....	83
Anexo I	84
Anexo II	89

INTRODUÇÃO

A relação homem x natureza

O lixo na maioria das vezes é considerado como aquilo que não quer-se mais, e então coloca-se *para fora de casa*¹, evitando assim o contato. Esta ação faz com que se esqueça que a produção do lixo é algo inerente a atividade humana.

A forma como lida-se com o lixo é repleta de preconceitos e adjetivos pejorativos, acabando por remeter assim, a uma posição de afastamento. Este tipo de estigma carregado pelo lixo é transferido no dia a dia às pessoas que trabalham com ele, sendo isto percebido por meio da localização que elas ocupam nas estruturas sociais, sempre relegadas aos cantos e periferias das cidades, sendo consideradas *cidadãos de terceira classe* (DIB-FERREIRA, 2005).

Os preconceitos com os quais os profissionais do lixo são tratados ficam claros na pesquisa da Datafolha sobre profissões rejeitadas. Esta pesquisa mostra em primeiro lugar o lixeiro, com 21%, seguido em terceiro lugar pelo gari, com 11%, e o faxineiro com 9% (EIGENHEER² apud. DIB-FERREIRA, 2005).

Desta forma, pode-se compreender que a repulsa do homem para com o lixo ocorre devido um processo de desumanização da produção do mesmo, isto é, apesar do lixo ser algo que é produzido inerentemente a atividade humana, o que parece ocorrer é uma negação desta produção pelo homem. Dá-se ao lixo e a quem trabalha com ele caráter de animalidade...

Sem que percebamos, usamos em nosso dia – a - dia uma série de expressões que trazem em seu bojo uma concepção de natureza que predomina em nossa sociedade. Chama-se *burro* ao aluno ou a pessoa que não entende o que se fala ou ensina; de *cachorro* ao mau-caráter; de *cavalo* ao indivíduo mal – educado; de *vaca*, *piranha* e *veado* àquele ou àquela que não fez a opção sexual considerada correta, etc... Juntos todos os termos: *burro*, *cachorro*, *cavalo*, *vaca*, *piranha* e *veado* são todos nomes de animais, de seres da

¹ RIBEIRO, T. F. e LIMA, S. C. Coleta seletiva de lixo domiciliar – estudo de casos. Uberlândia: Caminhos de Geografia - Revista on line Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dez./2000, pp. 50.

² EIGENHEER, E. M. Lixo e vanitas: considerações de um observador de resíduos. Niterói. Rio de Janeiro: EdUFF, 2003, p.21.

natureza tomados – em todos os casos – em sentido negativo, em oposição a comportamentos considerados cultos, civilizados, e bons (GONÇALVES, 1996, p.25).

A partir desta citação de Gonçalves (1996), percebe-se que quando quer-se depreciar as atitudes, os comportamentos e as relações dos seres humanos, comparam-se estes aos animais (*seres da natureza*), desconsiderando que se faz parte desta mesma natureza, e pressupondo uma hierarquia onde o homem está no topo – antropocentrismo. Este pensamento legitima a forma de agir e pensar preconceituosa e depreciativa sobre aqueles que trabalham com o lixo, uma vez que estes são considerados *animais*, e na lógica homem x natureza, o homem é o elemento dominador que subjuga os demais animais graças a sua característica que o diferencia, a sua racionalidade.

Este argumento esclarece o modo como são tratados os profissionais do lixo, pois uma vez que estes são *menos* humanizados, ou seja, menos racionais, ou até mesmo irracionais, a dominação destes pelos considerados racionais, na lógica dicotômica da relação homem x natureza, torna esta relação legitimada.

Outra citação que demonstra claramente como o homem considera o lixo e conseqüentemente, quem trabalha com ele, encontra-se na Agenda 21 – documento tratado com maiores detalhes no capítulo 3 deste trabalho – quando este então conceitua o que são resíduos sólidos:

São resíduos sólidos (...) todos os restos domésticos e resíduos não perigosos, tais como os resíduos comerciais e institucionais, o lixo da rua e os entulhos de construção. Em alguns países, o sistema de gestão dos resíduos sólidos também se ocupa dos *resíduos humanos*³, tais como excrementos, cinzas de incineradores, sedimentos de fossas sépticas e de instalações de tratamento de esgoto (Agenda 21 – anexo I).

Nesta citação é possível perceber que os *resíduos domésticos, comerciais, institucionais, o lixo da rua e os entulhos de construção* não são considerados como de produção humana, apenas o são os *excrementos, cinzas dos incinerados – crematórios – sedimento de fossas e instalações de esgoto*. Contudo se sabe que, na verdade, todos estes resíduos são fruto da atividade humana.

³ Grifo meu

Assim ao tentar detectar uma possível origem deste modo de ver os profissionais do lixo, e de tratar o lixo como algo não humano, observa-se que esta problemática esta arraigada na lógica dualista de pensarmos oposição homem x natureza, ou seja, a oposição racional e irracional.

O estudo divide-se em quatro capítulos com os quais se busca contextualizar a discussão sobre os resíduos sólidos, descrevendo a cadeia produtiva da reciclagem na cidade de Marília – SP, e pretendendo construir uma análise do recorte que fora proposto.

No capítulo I, intitulado, *Sobre o lixo e os resíduos sólidos*, pretende-se historicizar a relação do homem com o lixo, assim como também compreender como se dá a construção do conceito de resíduo sólido a partir do conceito de lixo, diferenciando-o deste.

No capítulo II, intitulado, *Os resíduos sólidos no debate ambiental*, foi construído um panorama do debate ambiental considerado de *mainstream*, ou seja, do debate ocorrido entre e por instituições em sua maioria ligadas a máquina dos Estados, dando destaque, nesta discussão, a questão dos resíduos sólidos.

O capítulo III, cujo título é *A gestão dos resíduos sólidos* mostra as formas com as quais podemos fazer uma gestão dos resíduos, dando ênfase ao processo da reciclagem, sendo este o momento em que aparece no trabalho o profissional da reciclagem, conhecido como catador.

No capítulo IV, *A cadeia produtiva da reciclagem na cidade de Marília – SP*, faz-se um mapeamento das relações que tangem o processo da reciclagem na cidade proposta, destacando a situação e o papel dos catadores de materiais recicláveis dentro da dinâmica da reciclagem.

Objetivos e justificativa

O presente trabalho pretendeu mapear as relações materiais que constituem a cadeia produtiva da reciclagem na cidade de Marília, interior do Estado de São Paulo, enfatizando o papel dos catadores de materiais recicláveis.

A relevância do tema se constitui na problemática ambiental causada pela geração cada vez maior de resíduos sólidos, que é, por sua vez,

intensificado pela cultura do descartável, e pela dificuldade em se arrumar uma destinação final saudável para estes resíduos, isto é, uma destinação que não agrida o meio ambiente e prolongue a vida na biota.

Entende-se que a compreensão da dinâmica dos resíduos sólidos é fundamental para possíveis propostas de políticas públicas, tanto ligadas a educação ambiental, como a recuperação de áreas degradadas e populações estigmatizadas.

Sobre a metodologia

Quando propõe-se fazer um trabalho de caráter dito científico, teoria, método e técnica aparecem como elementos fundamentais na construção do conhecimento científico.

No que tange as questões referentes ao *fazer* sociologia, é possível destacar que, desde o pensamento positivista, objeto e método caminham sempre juntos, ou seja, não se pode tratar objeto alheio ao método e vice-versa. Desta forma, o uso de tais elementos, parece exigir do pesquisador extremo cuidado e rigor com as fontes a serem utilizadas durante o processo de confecção de seu trabalho.

Entretanto, o rigor e a rigidez exagerada no *fazer* sociologia, acaba por prejudicar a construção do conhecimento, uma vez que, os objetos de estudo de tal ciência são as práticas sociais, e estas aparecem sempre como algo diverso e múltiplo, ou melhor, como um conjunto de relações complexas.

Destarte fica difícil determinar e definir métodos e conceitos a priori do objeto da pesquisa, uma vez que estes devem trabalhar para o objeto, isto é, não é possível conduzir uma pesquisa a partir do método, e sim o que deve ocorrer é exatamente o contrário, o método é que deve se ajustar ao objeto em questão. De certa forma é possível dizer que é o objeto que conduz a pesquisa mas, sendo este pressuposto, elemento sempre consciente do pesquisador.

Partindo desta perspectiva buscou-se contextualizar a dinâmica dos resíduos sólidos utilizando-se basicamente de fontes secundárias, assim como também algumas fontes contidas nos meios de comunicação, principalmente internet. As últimas fontes foram selecionadas a partir do acesso diário a este

tipo de mídia, disponíveis a qualquer cidadão, ou seja, não houve um uso sistematizado deste veículo.

Já buscando compreender a realidade dos catadores de materiais recicláveis da cidade de Marília, foi pensado um projeto que se denominou “SobreVidas”.

O projeto “SobreVidas”

De acordo com a proposta do trabalho, o mapeamento da cadeia produtiva da reciclagem na cidade de Marília, enfatizando o cotidiano dos catadores de material reciclável, percebeu-se a necessidade de aproximação com a realidade dos catadores, visando compreender como se dá a rotina destas pessoas e forma como elas dirigem suas vidas.

Para isso parte-se da perspectiva de Maffesoli (1987) no qual a construção de uma sociologia da vida cotidiana baseia-se em uma epistemologia renovada que tenha “(...) por ambição apreender a história dos vencidos de que a historiografia descuroou o registro” (p.175).

A sociologia parece cada vez mais ter um discurso sobre as relações sociais construído de cima, e não um discurso construído em conjunto, intersubjetivamente. É como se a relação estivesse hierarquizada, como se ela se baseasse numa relação *estabelecidos* (os cientistas sociais) e *outsiders* (população no geral), onde os primeiros sabem e conhecem mais os segundos, do que eles próprios, tendo assim, maior legitimidade de ação sobre estes.

Desta forma, percebe-se o distanciamento que fora criado entre a *atitude epistemológica* e as práticas sociais efetivamente, alguns ramos da sociologia, hoje, tentam resgatar, ou melhor, reconstruir esta proximidade entre a sociologia e a realidade das práticas sociais.

O renascimento da etnometodologia, os balbucios da sociologia participante, os ensaios da pesquisa – ação, o desenvolvimento das histórias de vida, tudo isso assenta, sem necessariamente o dizer num certo cansaço em relação aos diversos finalismos sócio -teóricos e no reconhecimento da pregnância da sabedoria popular. Assim, ao contrário das visões escolásticas, que sempre existiram e tem ainda belos dias a sua frente, o tipo de investigação que desenvolvemos pretende mostrar, para retomar uma expressão de Karl Manheim, que

o pensamento não está apenas limitado somente aos livros, mas tira a sua significação “principal das experiências da vida cotidiana...” ou ainda dos “valores moveáveis do mundo de todos os dias”. (MAFFESOLI, _____, p.164).

É mediante este contexto, de aproximação com o cotidiano da vida dos catadores, que nasce o projeto “SobreVidas”.

O projeto consiste na visita a 10 famílias de catadores – número aleatório estabelecido mediante os limites da pesquisa qualitativa - localizados em diferentes regiões da cidade de Marília, que foram selecionados a partir do que denominamos de “efeito dominó”, onde uma família indicou a outra, possibilitando assim maior aproximação com intimidade e cotidiano das famílias, uma vez que a visita era indicada por um membro participante do círculo familiar. As visitas tinham a intenção de conhecer as condições de moradia dos catadores, assim como suas rotinas de trabalho e sua dinâmica para com a família.

Para adentrar a casa dos catadores foi necessária uma aproximação mais íntima entre pesquisador e objeto, e isto foi conseguido, após uma série de tentativas, utilizando-se do recurso da câmera fotográfica.

Desta forma as informações foram obtidas por intermédio de um instrumento de troca, a fotografia, pois a intenção, acima de documentar as condições de vida destas pessoas, era a de entregar-lhes estas fotografias como *agradecimento* a disponibilidade que elas demonstraram durante a pesquisa, desde conversas que culminaram no preenchimento da ficha de identificação⁴ até a abertura das portas de suas casas ao pesquisador.

Os resultados foram obtidos adquiridos por intermédio de diversas técnicas que diferenciaram-se de uma família/ pessoa para a outra, isto se justifica por meio da perspectiva de que cada sujeito tem sua particularidade e logo não podem ser tratados da mesma forma, há sutilezas que o pesquisador deve estar preparado para compreender, como, por exemplo, quando utilizar, ou não utilizar o gravador.

Os dados das famílias, assim como as fotos, foram mantidos em sigilo sendo apenas utilizados alguns destes documentos obtidos, resguardando a identidade das famílias.

⁴ Anexo I

Sobre as técnicas

- **A observação participante**

A observação participante pressupõe uma observação sistemática no qual a delimitação de um campo de investigação, tanto no tempo quanto no espaço, se faz necessário.

Após a delimitação espaço – temporal, o fenômeno que se pretende analisar deve ser pesquisado durante um período contínuo de tempo, para que assim possam ser apreendidas características do fenômeno que não sejam excepcionais ao cotidiano, mas sim intrínsecas e necessárias para a dinâmica deste.

Segundo Florence R. Kluckhohn, a observação participante “é a coparticipação consciente e sistemática, tanto quanto as circunstâncias permitem, nas atividades comuns de um grupo de pessoas e, se necessário, nos seus interesses, sentimentos e emoções. O propósito deste método é obter dados sobre o comportamento através de contatos diretos, em situações específicas, nas quais a distorção resultante do fato de ser investigador agente estranho é reduzida ao mínimo”.(apud. NOGUEIRA, 1969, p.93)

A observação participante permite ao pesquisador que ele adentre o pensamento do grupo estudado, uma vez que ele tende a se *familiarizar* com o grupo, e fazer com que o mesmo se acostume com a sua presença. É interessante ressaltar que mesmo com esta intenção, a de estreitar cada vez mais os seus laços com o grupo, o pesquisador tende a continuar a ser um elemento estranho a este, e isto é extremamente relevante na obtenção de determinados dados, assim como afirma Kluckhohn:

O investigador nunca pode livrar-se inteiramente de seu papel de estranho e estou de acordo com aqueles que sustentam que não é aconselhável fazê-lo. Algumas informações extremamente valiosas são obtidas pelo estranho simplesmente porque é um estranho. (apud. NOGUEIRA, 1969, p.99)

Entretanto, apesar de a observação participante ser um método que aproxima pesquisador e práticas sociais, é notório que ela por si só não

contempla todas as indagações do pesquisador, pelo contrário, na maioria das vezes ela é fundamental no que tange suscitar questões.

Desta forma, atrelado a este método devem se aliar outros métodos e técnicas de pesquisa, como por exemplo, o *diário de campo* ou *diário de pesquisa*, onde se relata o registro da observação feita, assim como apreciações e reflexões sobre a mesma.

A maior parte dos trabalhos, os quais utilizam-se da observação participante como método de pesquisa, observa-se também o uso de questionários e entrevistas como complemento na obtenção de dados sobre o objeto estudado.

No presente trabalho o uso de tal método foi aplicado no estudo sobre a cooperativa de catadores de material reciclado.

- **O relato oral**

O relato oral é um elemento que se mostra importante no que tange a compreensão das práticas sociais, uma vez que possibilita ao pesquisador o contato direto com os sujeitos estudados. Tal prática tem, de certa forma, se tornado comum às ciências sociais, principalmente no que se refere à escola denominada de *Nova História*.

(...) o ressurgimento do método dito das 'histórias de vida' pretende, quando não cai nos trilhos cientista, responder ao sentimento de impotência formulado com uma bela ludicidade por D. Bertaux: "a verdade é que os sociólogos não sabem grande coisa das sociedades em que vivem". (MAFFESOLI, 1987, p.154)

Desta forma resgatando o relato oral, Lang, elucida três variações deste: o depoimento oral, a história de vida, e o relato de vida.

Por depoimento oral entende-se:

A busca do pesquisador em obter um testemunho do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações ou participação em determinadas instituições que se quer estudar, observando-se que, nas ciências sociais, o depoimento não tem o sentido de estabelecimento da verdade, mas de conhecimento de uma versão devidamente qualificada. (LANG, 2001, p.96)

Já por história de vida:

O entrevistado é levado a contar livremente sua vida, imprimindo a narrativa suas próprias categorias, ordenamento e a seleção do que quer relatar. Há histórias de vida mais ricas ou menos, dependendo do narrador, dado que o pesquisador deveria intervir o mínimo possível. É evidente que uma vida não poderia ser inteiramente revisitada, havendo uma seleção feita pelo próprio narrador e seguramente omissões, deliberadas ou não. É necessário um tempo muito grande para coletar uma história de vida. (LANG, 2001, p.96-97)

E finalmente, por relato de vida, compreende-se este como:

Uma forma menos ampla e livre que a história de vida, dado que é solicitado ao narrador que aborde de modo mais especial determinados aspectos de sua vida, embora dando a ele total liberdade de exposição: o entrevistado sabe do interesse do pesquisador e direciona o relato para determinados tópicos. Ao optar pela obtenção deste tipo de narrativa, corre o pesquisador o risco de orientar demais o relato, em detrimento da espontaneidade. A obtenção do relato de vida exige menos tempo, possibilitando que o pesquisador recorra a coleta de vários relatos e proceda a sua comparação. (LANG, 2001, p.97)

Para qualquer um dos tipos de relato oral que o pesquisador escolha utilizar em seu trabalho, é necessário que ele esteja sempre atento a todos os detalhes antes, durante e pós a coleta dos relatos. Fatos importantes ocorrem na forma como este procedimento é apreendido, seja pelo uso do gravador, anotações usando papel e lápis, e/ ou até mesmo por relatos redigidos de memória.

Atualmente o uso do gravador tem sido uma constante no que tange a realização de relatos orais, tanto devido ao seu caráter objetivo quanto ao empírico, entretanto, segundo Queiroz (1991), muitas vezes o gravador é fonte de inibição por parte dos informantes, e desta forma tem-se de optar por outras possibilidades de registro. Alguns informantes preferem o uso de papel e lápis, ao uso do gravador.

Outra forma de registro, como apontado por Kominsky (1986), é o relato redigido de memória, no qual após a entrevista ocorre a redação. Contudo este procedimento fica a mercê da memória do entrevistador; o que

por um lado possa parecer inconveniente, por outro aproxima pesquisador e pesquisado, podendo aquele recolher informações que perante um gravador ou papel, seriam negadas.

Na presente pesquisa privilegiou-se o uso dos relatos orais do tipo depoimento pessoal. Para tal utilizou-se um roteiro semi – orientador, no qual, em determinados momentos haveriam intervenções do pesquisador para com a fala do pesquisado, pretendendo direcioná-lo ao que se pretendia investigar.

Tal técnica foi usada na obtenção de informações advindas dos catadores de material reciclado, entretanto, a partir de determinadas experiências prévias, foi detectado certo incomodo perante o uso do gravador, e desta forma optou-se pela utilização do relato redigido de memória.

- **A Entrevista**

A técnica da entrevista assimila-se com a técnica do interrogatório. É necessária a confecção anterior de um roteiro que contemple os dados que se pretende obter. Aconselha-se que seja feito um pré – teste deste roteiro com o intuito de identificar possíveis problemas e falhas neste procedimento.

Deste modo como qualquer técnica científica, a neutralidade é algo sempre questionável. A entrevista, por sua vez, pode sofrer influência de ambas as partes participantes (pesquisador – pesquisado), como explana Nogueira (1969):

A situação em que se desenvolve a entrevista é, em si mesma, uma situação social em que o entrevistador e o entrevistado interagem, isto é, influenciam um ao outro, não apenas através das palavras que pronunciam mas também pela inflexão da voz, gestos, expressão fisionômica, modo de olhar, aparência e demais traços pessoais e manifestações de comportamento. (NOGUEIRA, 1969, p. 111)

No presente trabalho o uso de entrevistas ocorreu na obtenção de dados por meio das empresas de reciclagem, uma vez que o contato com estas cercava-se de restrições, como por exemplo, a escassez de tempo; além de que os dados que se pretendiam obter tendiam a ser mais objetivos.

- **Sobre o uso da fotografia**

A fotografia tem – se mostrado elemento interessante na confecção de pesquisas qualitativas, pois além de servirem como documentos que provam a realidade, elas também auxiliam no processo de sistematização e coleta de dados, servindo como uma espécie de *memória visual*.

Hoje, por meio da antropologia visual, a fotografia deixa de ser apenas complemento de outras técnicas e passa a ser considerada como um método em si mesmo, contendo, assim como em outras técnicas, limitações.

Na presente pesquisa a fotografia teve duas importantes participações, a primeira no que tange o contato com os entrevistados, uma vez que a fotografia, atrelada a curiosidade, tornou-se um elo, ou melhor, criou um vínculo entre pesquisador e pesquisado, facilitando a obtenção de informações.

Além de, por outro lado, a fotografia, devido o seu caráter empírico, auxiliar na ilustração e no registro do cotidiano dos catadores.

Entretanto a utilização desta técnica deve conter extremo cuidado, pois ao mesmo tempo em que agrega pessoas, ela também expõe, e pode acuar os informantes, prejudicando a obtenção de informações. Logo, a experiência do pesquisador é chave neste processo.

- **A ficha de identificação**

Como grande parte dos métodos e técnicas utilizados na pesquisa qualitativa, os relatos orais, a observação participante, entre outros, precisam de determinadas técnicas ditas mais pontuais que as complementem. Para tal, no presente trabalho foi utilizado a técnica da ficha de identificação proposta por Queiroz (1991) e por Pereira (2002). Nesta ficha são registrados dados objetivos, ou seja, dados que independem das opiniões dos informantes, tais como, idade, sexo, cor, estado civil, naturalidade, etc., mas que por sua vez, tem grande influência na análise dos depoimentos pessoais.

Na presente pesquisa foram confeccionados dois tipos de ficha de identificação, uma que contemplasse os catadores de material reciclável que trabalham nas ruas de Marília, e outra, para os catadores membros da COTRACIL.

O preenchimento desta ficha não se deu de modo objetivo, ou seja, ela não foi preenchida diretamente pelo pesquisado, mas pelo pesquisador por meio das experiências e relatos que foram cedidos das mais diversas formas possíveis.

Desta forma, concluí-se que o uso da fotografia, da observação sistemática, dos depoimentos pessoais e das entrevistas, assim como da ficha de identificação, entre outros métodos e técnicas utilizados, não são neutros e nem pretendem estabelecer uma verdade absoluta pelo contrário, tal como observa Max Weber, apud. Maffesoli (1987) *qualquer obra científica acabada não tem outro sentido a não ser o de fazer nascer novas questões: exige, portanto ser superada e envelhecer. Aquele que servir a ciência deve resignar-se a esta sorte. (MAFFESOLI, 1987,p.159)*

Destarte sobre o uso de diversos métodos e técnicas justifica-se:

Que nos compreendam bem: não se trata de fazer aqui a apologia do irracionalismo – alias é o dogmatismo quem lá conduz invariavelmente – trata-se muito simplesmente de esboçar uma teoria do conhecimento que admita que o inacabamento estrutural da sociedade exija um inacabamento intelectual. Temos por isso confiança na pluralidade das abordagens, de qualquer ordem que elas sejam, para elaborar a descrição menos falsa possível de um momento e de um espaço determinado. Patchwork reflexivo não é a pior maneira de compreender uma sociedade específica; e os espíritos livres que tentam estilhaçar a compartimentação das disciplinas e das definições, concordam em reconhecer que a fluidez da análise, a multiplicidade das referências das fontes de inspiração correspondem adequadamente ao fluxo vital que tentamos compreender. (MAFFESOLI,1987, p.162)

Os próximos capítulos pretendem expressar o dinamismo com o qual foram utilizados os diversos métodos e técnicas explanados, tendo como pressuposto para tal a concepção de que cada ser/ objeto é singular.

CAPÍTULO 1

SOBRE O LIXO E OS RESÍDUOS SÓLIDOS

Partindo da reflexão sobre a relação, que é posta de maneira dicotômica pela modernidade, entre homem e natureza, percebe-se que esta ocorre de maneira a simplificar a realidade múltipla do contexto da vida. Desta forma compreende-se o homem como ser integrante da natureza, no qual, durante e para o processo de reprodução de sua vida, gera resíduos.

Assim o presente capítulo pretende discutir a forma e o conteúdo atribuído ao conceito de *lixo* assim como a sua(s) derivação(s) ao longo da história, que por sua vez, culmina no conceito de *resíduo*, mais especificamente ao que tange o trabalho, os *resíduos sólidos*.

1.1 Uma História do Lixo

Historicamente a produção do lixo pelo homem aparece como algo que é inerente ao seu cotidiano, uma vez que qualquer atividade realizada por este gera resquícios.

Figueiredo (1995) descreve uma possível trajetória do lixo desde a chamada época da *Pré - História*. Ao recuperar o período Paleolítico percebe-se o homem como tendo característica nômade, o qual se utilizava do seu meio ambiente apenas para as necessidades de sobrevivência alimentar, via coleta, neste momento *a presença do homem parece se confundir com a dos demais animais, no que diz respeito ao meio ambiente* (p.86). Contudo no período Neolítico a interferência do homem em seu meio é maior, uma vez que este aperfeiçoa suas técnicas de sobrevivência, como o cultivo do solo e a criação de animais, gerando um movimento de sedentarização que se aprimora e se intensifica conforme o desenvolvimento de técnicas.

O *sucesso* da revolução neolítica, caracterizada pelo desenvolvimento progressivo das atividades agrícolas e pastoris, foi

responsável pela significativa multiplicação da espécie humana neste período. As pesquisas arqueológicas revelam um alto crescimento populacional neste período, além de melhoras significativas nas condições de vida do homem e o aumento da expectativa de vida. Desta forma, a revolução neolítica motivou o aumento das concentrações humanas culminando, com o surgimento das primeiras cidades. Nestes conglomerados urbanos *primitivos*, com populações de ordem de 1500 a 2000 habitantes, já se observava o desenvolvimento de atividades tipicamente urbanas, como o artesanato e o comércio, caracterizando assim um modo de vida distinto do modo rural. O aparecimento dos primeiros aglomerados urbanos implicou em profundas alterações nas relações sociais e na necessidade de produção de alimentos para o abastecimento destas comunidades. Dentre as criações e inovações técnicas do neolítico, destacam-se a invenção da roda e a descoberta da cerâmica, sendo esta última de fundamental importância com relação à questão ambiental, já que representa a primeira transformação físico – química de elementos naturais, realizada de forma consciente pelo homem, gerando elementos *artificiais*. (FIGUEIREDO, 1995, p.87-88)

Deste modo é possível perceber que o período Neolítico abre portas para um processo de desenvolvimento técnico contínuo à toda a vida humana – pensando após este período a *Idade dos Metais* até os dias atuais.

O avanço tecnológico e o aumento do processo de urbanização na Idade Média já apresentam uma relação problemática do homem com o seu *lixo*, que por sua vez, já não é reincorporado com facilidade ao meio ambiente. Figueiredo (1995) ainda expõe tal situação demonstrando que devido as condições de saneamento básico precário, apareceria na Europa a peste bubônica, que ressurgiria posteriormente no século XIV, atrelada a proliferação de ratos entre outros animais peçonhentos, que estariam presentes no lixo localizado no ambiente urbano das cidades.

Segundo Paixão⁵(apud. SOBRINHO, 2001, p.16):

É com a Revolução Industrial e o avanço do capitalismo, que a produção residual toma rumo diferente, principalmente pela forma como esse sistema econômico vai medir a relação homem-meio. Nesse sentido, a natureza passa a significar, ao mesmo tempo, fonte infindável de matéria –prima e, cada vez mais, receptáculo incondicional de dejetos. A exploração dos recursos não – renováveis acentuou ainda mais tal temática, em razão geométrica, proporcional aos interesses do grande capital.

⁵ PAIXÃO, R.O. O lixo urbano de Aquidauana: diagnóstico, aspectos não técnicos e medidas mitigatórias. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São PAULO, 1999.

Destarte, vê-se que a Revolução Industrial tende a intensificar a produção de resíduos em prol da lógica de pensamento proposta pelo sistema capitalista, que consolida suas bases na produção e no consumo.

Assim com a mudança dos hábitos no século XX, principalmente no pós-guerra, utilizando-se cada vez mais de embalagens aprimoradas pelo surgimento de novos materiais, e atrelado a este aspecto, o êxodo rural via processo de urbanização e conseqüentemente, a explosão demográfica e ocupação desorganizada do território, o lixo passa a ser uma problemática social, pois o crescente aumento na quantidade de sua produção não condiz com o processo de absorção deste pelo próprio meio ambiente.

1.2 O lixo no espaço urbano

Segundo Rodrigues (1998), o meio ambiente está diretamente ligado com as atividades que constituem a cidade, uma vez que este é o espaço no qual se expressa e se localiza a máxima da cultura do capital, ou seja, a ideologia do consumo, o hábito do desperdício e conseqüentemente as desigualdades.

Nos estágios iniciais a urbanização apresentava efeitos prejudiciais que apenas atualmente estamos começando a avaliar. O método da natureza de tratar o refugo é pô-lo novamente em circulação. Matéria animal e vegetal morta decompõe-se e liberta nutrientes químicos que são rapidamente capturados e novamente utilizados por outros organismos vivos. Uma cidade, porém, reúne materiais de subsistência que provêm de extensas áreas e os concentram num espaço muito pequeno. Quando chega a hora de se desfazer dos restos, os materiais não podem recircular localmente, mas devem, de algum modo, ser dispersos. A indústria estimula agora um obsolescência premeditada que acelera ainda mais a acumulação de refugo. (LAMONT⁶ apud. PERREIRA, 2002, p.32)

Atualmente pode-se dizer que devido ao grande processo de industrialização, urbanização, explosão demográfica, e ao intenso êxodo rural, o espaço da cidade pode ser considerado, de certa maneira, globalizado, isto é, apesar de ainda haver a dita zona rural em oposição a cidade – que é considerada o espaço urbano - a comunicação ou linha de separação entre estas regiões é cada vez mais tênue e fluida, fazendo com que a problemática

⁶ LAMONT, C.C. Jogando roleta russa com os ciclos biogeoquímicos. In: HELFRICH JR, H.W. (coord.) A crise ambiental: a luta do homem para viver consigo mesmo. São Paulo: melhoramentos, 1974, p.13.

do lixo esteja presente em toda a dimensão da vida independente de sua localização espacial.

Desta maneira, quando o presente trabalho se refere ao lixo no espaço urbano, ele entende o lixo como algo que tange a vida em todos os âmbitos, não considerando que haja efetivamente uma separação tão relevante, neste caso, entre cidade e campo, ou seja, o lixo permeia todas as esferas da vida, tanto se esta for urbana quanto se for rural.

1.3 Consumo e desperdício

A modernidade se caracteriza, principalmente, pela ênfase no uso da razão. O sistema capitalista, por sua vez, constitui sua lógica na busca pelo lucro e assim, na manutenção do capital. Desta forma pode-se afirmar que nas sociedades organizadas em torno do sistema capitalista o que predomina na gestão da vida é a racionalidade de base econômica.

Portanto é no cotidiano da vida que se reproduz o ideário dessa sociedade, na qual, de forma hegemônica, se legitima a cultura do consumo individual. Logo emerge como maior expoente desta lógica, o consumidor, isto é, para ser notado e atuar na sociedade descrita, esta é a posição que o sujeito deve ocupar, caso contrário ele não participa da mesma e passa a ser um expropriado, um ser invisível – pode-se destacar aí um dos grandes aspectos tangente as desigualdades na sociedade contemporânea do capital.

Destarte, segundo Nascimento (1997), a figura do consumidor sugere uma nova configuração social, ou seja, a cultura de massa toma novas roupagens onde o foco não é mais a produzir bens, mas sim a produção para a criação de novas necessidades ao indivíduo, isto é, as fábricas agora não constroem apenas bens de consumo, mas sim, e acima de tudo, elas constroem desejos.

As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, hi-fi, casa em patamares, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade

mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu.(MARCUSE⁷ apud. Perreira, 2002, p.22)

E é assim na constante criação/produção de novas necessidades, que os desejos do consumidor nunca cessam, emergindo um modo de vida que atrela consumo e descarte à qualidade da mesma, uma vez que sempre se buscarão as comodidades que são oferecidas pelo mercado.

Por causa da moda dos descartáveis, da mania de querer ter sempre o modelo mais moderno, do excesso de comodismo, que leva a utilização de aparelhos elétricos e motorizados ate para escovar os dentes, da submissão inconsciente a chamada sociedade de consumo – tudo isso somado à necessidade de produção maior originada com o aumento das populações no globo terrestre -, o fato é que as industrias se proliferam consumindo quantidades cada vez maior de energia e matéria primas gerando poluição e outros inconvenientes para o meio ambiente. (BRANCO,1998⁸ apud. PERREIRA, 2002, p.22)

Ainda segundo Branco (1998) percebe-se como a cultura do descarte de certa forma corresponde a um movimento *menos racional* da sociedade:

Se calculássemos a quantidade de energia e trabalho humano contido em cada copo plástico ou guardanapo de papel que utilizamos uma vez só e depois lançamos ao lixo com maior irreverência e displicência, certamente procederíamos de maneira mais racional. (apud. PERREIRA, 2002, p. 22)

Assim mesmo tendo como característica da modernidade a racionalidade, percebe-se que o sistema capitalista usa este próprio elemento a seu favor, dando, como diria Marcuse (1999), caráter racional a irracionalidade, e assim fazendo com que este se fortifique cada vez mais.

Contudo, entende-se este movimento não como algo menos racional ou irracional, mas sim como algo dotado de racionalidades distintas. Em *Economia e Sociedade*, Max Weber, destaca dois tipos de racionalidade, a racionalidade instrumental e a racionalidade valorativa. A primeira forma de racionalidade, a instrumental, consiste numa perspectiva que visa apenas o fim da ação, ou seja, a ação é instrumentalizada para alcançar determinado objetivo, no caso o

⁷ MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial (org.) LOUREIRO, I.; trad. LOUREIRO, I e OLIVEIRA, R. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes,1999.

⁸ BRANCO, S. M. O meio ambiente em debate. São Paulo; moderna, 1998, p.37-38)

consumo. Já no que tange a racionalidade valorativa entende-se esta como uma forma mais complexa que a racionalidade instrumental, que por sua vez ocorre quando o ator social escolhe a ação mediante uma avaliação prévia do resultado a ser obtido, isto é, se ele é adequado ou não a determinados valores. Assim, conforme o valor a ser alcançado, o ator escolhe os procedimentos que lhe sejam coerentes.

1.4 Sobre os resíduos sólidos

O lixo, assim como outros termos lingüísticos, apresenta diversas conotações de acordo com a situação sócio-cultural na qual o homem esta inserido. Pode-se então dizer que existem representações distintas deste termo, uma vez que para conceituá-lo parte-se da existência de um pressuposto material, isto é, parte-se de algo dado materialmente ao qual se deseja classificar, delimitar, nomear.

Este elemento *dado materialmente* se refere de modo geral àquilo que deixa de ter utilidade ao homem, e, assim passa a ser considerado lixo. Deste modo pode-se detectar que o termo apresenta-se de modo variado, pois o que se torna inútil ao individuo é algo que é construído subjetivamente e depende tanto das experiências vividas como também do campo⁹ no qual o mesmo se encontra.

Assim, ao longo das pesquisas realizadas para confecção do presente trabalho, foi possível destacar dois termos que parecem se confundir, sendo estes, o lixo, e o resíduo sólido. Portanto, este capítulo, pretende discutir algumas das representações acerca destes dois termos.

1.4.1 Lixo e Resíduos Sólidos: Representações

No cotidiano dos homens os termos lixo e resíduo são considerados praticamente sinônimos, sendo, de modo geral, considerado como todo material inútil, e logo aquilo que se deseja colocar *para fora de casa*, para longe do convívio diário.

⁹ Campo aqui considerado como o *locus*, o espaço onde o agente social se movimenta, segundo a teoria de Pierre Bourdieu.

Segundo Portilho (2001), os conceitos e significados que dirigem a vida do homem são dotados de subjetividade e conseqüentemente de sentido, fazendo com que estes se apresentem de diversas formas, mas construindo um *todo coerente*, uma vez que se parte do pressuposto de que a realidade é múltipla e que a forma como se constrói essa realidade é tanto um exercício coletivo quanto individual.

Neste mesmo texto, intitulado, *Representações sociais de profissionais do lixo* (2001)¹⁰, Portilho faz uma discussão de como se apresentam os conceitos de lixo e seu desdobramento para resíduo a partir da fala dos agentes que trabalham diretamente com o lixo, desde catadores e sucateiros até engenheiros.

Com o objetivo de mapear as formas de se ver o lixo, inicia-se a presente análise a partir da definição do termo dado pelo dicionário Aurélio (1986), em que lixo é considerado, como sendo, (...) *aquilo que se varre da casa, do jardim, da rua, e se joga fora; entulho; tudo o que não presta e se joga fora; sujidade, sujeira, imundice*¹¹; *coisas ou coisas inúteis, velhas e sem valor.* (p.1042)

A representação dada pelo dicionário exprime a forma mais comum de utilização do termo lixo, trazendo consigo diversos adjetivos considerados depreciativos – como os destacados.

Logo pode-se perceber que a forma como o conceito de lixo é tratado pelo senso comum (representação lingüística), acaba por exprimir também, a visão de como são considerados os profissionais que trabalham com o lixo (em sua forma material), sejam eles garis, catadores, entre outros, isto é, assim como o conceito é representado por adjetivos depreciativos as profissões e conseqüentemente, pessoas ligadas ao lixo, também o são.

Deste modo com o intuito de retirar este estigma carregado do lixo para o trabalhador, faz-se o exercício de mutação do termo lixo para o termo resíduo. Contudo cabe ressaltar que este processo de transformação não se dá para todos os profissionais do lixo, mas sim para aqueles de maior escolaridade e de determinada posição considerada de destaque na estrutura social, sendo estes os engenheiros.

¹⁰ [Http://www.cfch.ufrj.br/jor_p4/reposci2/potilho.html](http://www.cfch.ufrj.br/jor_p4/reposci2/potilho.html) . Acessado em 24/06/2008

¹¹ grifo meu

O trabalho de Portilho destina-se a análise mais apurada da relação com o lixo na categoria dos engenheiros, contudo ela faz comparações entre os termos a partir da perspectiva destes em contraponto com a dos garis e catadores.

Partindo-se da idéia de que os conceitos e significados são subjetivos, o que é considerado lixo para um pode não ser considerado lixo para o outro. Deste modo destacam-se do trabalho de Portilho três falas sobre o que viria a ser *lixo* dentre as três categorias citadas:

(...) não sei se serviria para alguma outra pessoa, mas para mim é lixo. Na medida que não serve para mim é lixo – Engenheiro.

(...) Lixo é meu sustento, né [risos]. O meu e o de muita gente... é o que mantém o gari (...) por que se acabar o lixo a gente ta tudo na rua né (...). – Gari.

(...) Lixo... é a mesma coisa que fosse meu sustento, meu trabalho, entendeu (...) é tudo o que vocês joga fora e vem pro lixo da cidade (...) papelão... alumínio, plásticos, sucata... arquivo geral, então que dizer não é lixo, entendeu (...), - Catador.

A partir das falas pode-se concluir que o lixo se diferencia para cada um dos agentes, o que demonstra a pluralidade de concepções a cerca do termo. Na fala do engenheiro lixo é aquilo que é inútil para ele, enquanto que tanto para o gari como para o catador, o lixo é entendido como *sustento*.

Dando seqüência a análise, é possível destacar a existência de uma posição de classe, ou melhor, um discurso que expressa o campo de origem de cada um dos agentes, sendo que o primeiro, o engenheiro, encontra-se num campo detentor de maior capital econômico e cultural que os outros dois agentes, o gari e o catador. E assim, apesar de trabalhar com o lixo, o engenheiro precisa se diferenciar e se distanciar dos outros agentes, principalmente no que consiste ao estigma por eles carregado, desta forma o conceito de lixo parece ter sido higienizado, para o que será o conceito de resíduo.

É desta forma que o lixo se transforma em algo gerador de lucro e, portanto, desvinculado de termos como sujeira, morte, doenças, etc... Apresentando então a necessidade de re-classificar e se re-nomear este seu novo aspecto - o termo resíduo.

No dicionário Sergio Buarque de Holanda (1995) o termo resíduo se apresenta como (...) *aquilo que resta de qualquer substancia; resto; o resíduo que sofreu alteração de qualquer agente exterior por processos mecânicos, químicos, físicos, etc (...)* (p.566)

O termo é também definido pela ABNT – Associação de Normas Técnicas, como “material desprovido de utilidade pelo seu possuidor” (Normas brasileiras Registradas – NBR 12.980, 1993, item 3.84, p.5). Nota-se aqui a proximidade da definição com a fala do engenheiro.

Pode-se verificar mediante a apresentação dos dois conceitos pelos respectivos dicionários, que enquanto o termo lixo está vinculado a idéia de algo depreciativo, o termo resíduo se coloca como *algo a ser aproveitado*, distanciando-se do primeiro, e logo, representando uma diferenciação que se expressará também no campo e no habitus¹² dos agentes envolvidos.

1.5 Sobre o conceito de resíduo sólido utilizado no presente trabalho

O desdobramento do conceito de lixo para o conceito de resíduo já foi anteriormente exposto. Contudo de forma a ainda esclarecer a noção de resíduo utilizada, pode-se notar que existem diversos desdobramentos dentro deste próprio termo, ou seja, existem classificações que delimitam que tipo de resíduo se apresenta mediante cada tipo de lixo/ rejeito que é gerado.

Seguindo a normas da ABNT (NBR 10.004) os resíduos são organizados mediante os riscos que apresentam ao meio ambiente, sendo eles *perigosos, inertes e não inertes*.

Os resíduos podem ser classificados, de maneira geral, mediante o aspecto de líquido, gasoso e sólido, assim como também podem se apresentar nas formas *seca e molhado*, e/ ou composto de matéria orgânica e matéria inorgânica.

Desta forma o presente trabalho pretende ater sua discussão no que se refere aos resíduos sólidos, sendo que dentre as classificações de resíduos sólidos pode-se encontrar segundo Jardim (1995) os resíduos sólidos domiciliares, comerciais, públicos, de saúde e hospitalares, industriais, de

¹² Conceitos de Pierre Bourdieu.

portos, aeroportos, terminais de ferro e rodoviários, agrícolas, e da construção civil.

Os resíduos sólidos domiciliares consistem naqueles gerados no quotidiano da vida, sendo estes, restos de alimentos, embalagens variadas, papéis, plásticos, etc...Além de alguns materiais tóxicos em pequena quantidade como pilhas, remédios, entre outros.

Destarte, e de modo geral, pretende-se construir uma discussão baseada neste tipo de resíduo – o domiciliar - que por ora pode também ser encontrado nos resíduos sólidos industriais, comerciais, de portos, aeroportos, ferroviários e rodoviários, agrícolas, da saúde e hospitalares – salvo as restrições que escapam a definição de resíduo sólido domiciliar.

CAPÍTULO 2

OS RESÍDUOS SÓLIDOS NO DEBATE AMBIENTAL

2.1 Breve histórico sobre o debate ambientalista

A consciência ecológica surge mediante a ameaça à qualidade de vida da população como um todo, uma vez que a expansão da tecnologia e o crescimento demográfico populacional têm levado a deterioração dos recursos ambientais. O desenvolvimento tecnológico e industrial tem provocado uma série de problemas relacionados à poluição do ar, das águas, do solo além da devastação da vegetação, tal movimento parece deter a noção de inesgotabilidade dos recursos naturais, esquecendo-se que a manutenção ambiental é uma questão de sobrevivência.

A revolução industrial caracterizou-se pelo início do uso extensivo dos recursos naturais e da utilização, expansão e aperfeiçoamento dos processos industriais e, por isso, provocou mudanças nos hábitos dos homens aumentando o consumo de recursos naturais e impulsionando o crescimento demográfico.

A consciência ambiental, perante tal panorama, passa a ter grande repercussão devido aos desastrosos efeitos das duas grandes guerras mundiais, e, principalmente, após o lançamento das duas bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, no Japão (1945), que demonstraram a capacidade do homem de mudar radicalmente as características da biosfera, chegando até mesmo a inviabilizar a possibilidade da vida.

Sendo assim, começa a surgir a partir do final da década de 40, os primeiros movimentos ambientalistas, cujo mote consistia basicamente numa contraposição à idéia de desenvolvimento a qualquer custo.

Em 1948 é criada a União Internacional para Proteção da Natureza (IUNP), um órgão da ONU, que mais tarde em 1952 se transformaria na atual União Internacional para a Conservação da Natureza e Recursos Naturais

(IUNC) - cabe ressaltar que neste momento a preocupação maior consiste na preservação da fauna e da flora.

Em 1957 começa a medição de CO₂ na atmosfera do Hawái – EUA

No Brasil em 1958, cria - se a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN).

Em 1961 tem-se a criação do Fundo Mundial Para a Vida Silvestre (WWF).

Em 1962 foi publicado nos EUA o livro *Primavera Silenciosa* da jornalista estadunidense Rachel Carson, que mostra como seria uma primavera sem o canto dos pássaros exterminados pelo DDT – inseticida usado para proteger as colheitas dos insetos.

Na década de 60 a preocupação com a questão ambiental amplia-se, inserindo-se temas como o aumento da população e o esgotamento dos recursos naturais (petróleo, madeira, água, etc.).

Em 1968 ocorre a Conferência Internacional da Biosfera, em Paris, que foi promovida pela UNESCO, e também neste mesmo ano funda-se o Clube de Roma, que era constituído por cerca de 30 especialistas de diversas áreas cujo objetivo era o de discutir a *crise da humanidade*. Este mesmo grupo liderado por Dennis L. Meadows publicam em 1972 um estudo intitulado *Os Limites do Crescimento Econômico*, no qual questionam a forma como se dá o desenvolvimento econômico a qualquer custo, e que por sua vez, acaba fazendo com que o crescente consumo leve ao colapso da humanidade. (VIEIRA, 2000). Neste mesmo ano ocorre a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano.

Em 1974 é formulada a Declaração de Cocoyok que fora resultado da reunião da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio – Desenvolvimento (UNCTAD) com o Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (UNEP). Esta declaração discutia temas como a explosão populacional, a destruição ambiental na África, Ásia e América Latina, a pobreza, e o consumo *exagerado* dos países desenvolvidos (BRÜSEKE, 1998).

Em 1987 foi gerado o Relatório Brundtland, conhecido também como Relatório Nosso Futuro Comum¹³, elaborado pela Comissão sobre Meio

¹³ COMISSÃO Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso futuro comum. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1988.

Ambiente e Desenvolvimento da ONU, que nos mostra os grandes problemas ambientais do planeta e apresenta, pela primeira vez, o conceito de *Desenvolvimento Sustentável*. Segundo Alier¹⁴ (apud. DIB - FERREIRA, 2005) o conceito de desenvolvimento sustentável seria apenas um outro nome para crescimento econômico, além disso o autor também ressalta que é neste relatório que surge a idéia de que é a pobreza que degrada o meio ambiente. DIB - FERREIRA (2005) faz alguns recortes no relatório que demonstram esta perspectiva:

Esses vínculos entre pobreza, desigualdade e deterioração ambiental foram um dos principais temas em nossa análise e recomendações. O necessário agora é uma nova era de crescimento econômico – um crescimento convincente e ao mesmo tempo duradouro do ponto de vista social e ambiental. (Prefácio da presidente da comissão do relatório, In COMISSÃO, 1987, p. 14 apud. DIB – FERREIRA, 2005, p.28).

(...) muitas formas de desenvolvimento desgastam os recursos ambientais nos quais se deviam fundamentar, e a deterioração do meio ambiente pode prejudicar o desenvolvimento econômico. A pobreza é uma das principais causas e um dos principais efeitos dos problemas ambientais do mundo. (COMISSÃO, 1987, p. 4 apud. DIB – FERREIRA, 2005, p.28).

O desgaste do meio ambiente foi com freqüência considerado o resultado da crescente demanda de recursos escassos e da poluição causada pela melhoria do padrão de vida dos relativamente ricos. Mas a própria pobreza polui o meio ambiente, criando outro tipo de desgaste ambiental. (COMISSÃO, 1987. p.30 apud. DIB – FERREIRA, 2005, p.29).

O aspecto como o relatório lida com a pobreza e sua relação com o meio ambiente é contestado por Alier (op.cit.) que argumenta dizendo que os processos de degradação ambiental vêm exatamente dos países ricos e da sua incessante demanda por matérias – primas e energia, sendo este o principal elemento dos problemas ambientais e da desigual distribuição da riqueza.

Em 1981, no Brasil, é promulgada a Política Nacional do Meio Ambiente.

Em 1992 ocorre no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Meio Ambiente (CNUMAD), que ficou conhecida como RIO92, nos quais entre os documentos firmados encontram-se a Convenção sobre Diversidade Ecológica, a Convenção sobre Mudanças

¹⁴ ALIER, J. M. Da economia ecológica ao ecologismo popular. Blumenau: Editora da FURB, 1998. p.9.

Climáticas e a Agenda 21 - é na Agenda 21 que a questão dos resíduos sólidos aparece pela primeira vez.

Em 1997 é assinado o Protocolo de Quioto, estabelecendo medidas concretas a serem adotadas para a emissão de gases produtores do Efeito Estufa.

Em 2002, em Joanesburgo, na África do Sul, acontece a reunião da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável.

Assim, através deste breve histórico, sobre o desenvolvimento do debate ambiental, tem-se um panorama para então adentrar a discussão dos resíduos sólidos no debate ambiental e seus desdobramentos.

2.2 Os resíduos sólidos e as iniciativas do governo brasileiro: rumo a uma Política Nacional de Gestão dos Resíduos Sólidos?

Como já dito anteriormente, é no documento da Agenda 21, formulado durante a RIO92, que a problemática dos resíduos sólidos aparece pela primeira vez.

A Agenda 21 tem como objetivo a formulação de propostas que viabilize o desenvolvimento sustentável¹⁵, contendo em si ações de curto, médio e longo prazo, que incluem a participações de instituições que abarcam desde o âmbito internacional até o âmbito municipal.

Como princípios fundantes deste documento tem-se três conceitos chaves, sendo estes, a solidariedade, a cooperação, e a igualdade, pressupondo o caráter democrático do mesmo (SOBRINHO, 2001).

A Agenda 21 conta com um total de quarenta capítulos, sendo que o capítulo que aqui interessa, é o de numero vinte e um - o mesmo que número que dá nome a Agenda, contudo, o documento recebe este nome devido suas proposições terem a intenção de serem alcançadas no século 21.

O Capítulo 21, concernente ao que se refere aos resíduos sólidos, intitula-se: *Manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com o esgoto.*

¹⁵ Desenvolvimento Sustentável é aqui entendido, segundo o lema "produzir sem agredir". O seguinte conceito não será abordado com profundidade no trabalho devido os limites de confecção do mesmo, sendo estes tanto tempo quanto a opção de foco.

Não se pretende ater a profundidade com o qual o capítulo trata dos resíduos sólidos, mas apenas apontar algumas propostas contidas neste comparando-as com as ações práticas legais tomadas pelo Brasil no que se refere a esta temática.

2.2.1 os resíduos sólidos na Agenda 21

Ao tratar da questão dos resíduos sólidos, o capítulo 21, da Agenda 21, já demonstra como este tema encontra-se vinculado a diversos outros fatores como a qualidade e oferta dos recursos de água doce, o desenvolvimento sustentável, a proteção e promoção da salubridade, assim como também a mudança dos padrões de consumo, e, por conseguinte, o combate à pobreza. Tal movimento proposto pelo documento intenciona uma maior transdisciplinaridade e nos mostra a abrangência com o qual a questão dos resíduos sólidos deve ser tratada.

Desta forma, neste documento, compreende-se por resíduos sólidos como sendo:

(...) todos os restos domésticos e resíduos não perigosos, tais como os resíduos comerciais e institucionais, o lixo da rua e os entulhos de construção. Em alguns países, o sistema de gestão dos resíduos sólidos também se ocupa dos resíduos humanos, tais como excrementos, cinzas de incineradores, sedimentos de fossas sépticas e de instalações de tratamento de esgoto (Agenda 21 – anexo I).

A partir desta definição, a Agenda 21 concentra sua análise em quatro áreas principais, sendo estas:

a) redução ao mínimo dos resíduos; b) aumento ao Máximo da reutilização e reciclagem ambientalmente saudáveis dos resíduos; c) promoção do depósito e tratamento saudáveis dos resíduos; d) ampliação do alcance dos serviços que se ocupam dos resíduos. (op.cit.).

Para cada uma das áreas delimitadas - a, b, c, e d – foram colocados objetivos e metas datadas, as quais discorrer-se-ão abaixo:

No que se refere à área A, *da redução dos resíduos*, pretende-se reduzir a produção de resíduos promovendo também a separação destes para a reciclagem, assim como a reutilização do possível, utilizando-se de instrumentos que permitam determinar as quantidades de resíduos e seus

processos de deteriorização para assim utilizá-los na formulação de políticas públicas.

Quanto às metas datadas desta área observa-se:

- a) Até o ano 2000, assegurar uma capacidade nacional, regional e internacional suficiente para obter, processar e monitorar a informação sobre a tendência dos resíduos e implementar políticas destinadas para sua redução ao mínimo;
- b) Até o ano 2000, estabelecer, em todos os países industrializados, programas para estabilizar ou diminuir, caso seja praticável, a produção de resíduos destinados ao depósito definitivo, inclusive os resíduos per capita (...) os países em desenvolvimento devem também trabalhar para alcançar esse objetivo sem comprometer suas perspectivas de desenvolvimento;
- c) Aplicar até o ano 2000, em todos os países e, em particular, nos países industrializados, programas para reduzir a produção de resíduos agroquímicos, contêineres e materiais de embalagem que não cumpram as normas para materiais perigosos. (op.cit.).

No que consta a área B, *da maximização do reaproveitamento e da reciclagem dos resíduos*, pretende-se ampliar os sistemas nacionais de reutilização e reciclagem dos resíduos, difundir conhecimentos técnicos e instrumentos que proporcionem operacionalizar os processos de reutilização e de reciclagem.

Quanto às metas datadas:

- a) Até o ano 2000, promover capacidades financeiras e tecnológicas suficientes nos planos regional, nacional e local (...) para implementar políticas e ações de reutilização e reciclagem dos resíduos;
- b) Ter, até o ano de 2000, em todos os países industrializados, e até o ano de 2010 em todos os países em desenvolvimento, um programa nacional que inclua na medida do possível, metas para a reutilização e reciclagem eficazes dos resíduos. (op.cit.).

Na área C, os objetivos gerais são de *tratar e depositar de forma segura os resíduos*. Sendo que as metas datadas consistem em :

- a) Estabelecer, até o ano de 2000, critérios de qualidade, objetivos e normas de tratamento e o depósito de resíduos baseados na natureza e capacidade de assimilação do meio receptor;
- b) Estabelecer, até o ano 2000, capacidade suficiente para monitorar o impacto da poluição relacionada aos resíduos e manter vigilância sistêmica, inclusive epidemiológica, quando apropriado;
- c) Tomar providências para que até 1995, nos países industrializados, e 2005, nos países em desenvolvimento, pelo

menos 50% do esgoto, das águas residuais e dos resíduos sólidos sejam tratados ou eliminados em conformidade com diretrizes nacionais ou internacionais de qualidade ambiental e sanitária;

- d) Depositar, até o ano de 2005, todo o esgoto, águas residuais e resíduos sólidos de acordo com as diretrizes nacionais ou internacionais de qualidade ambiental. (op.cit.)

E quanto a área D, sobre a *ampliação dos serviços relacionados aos resíduos sólidos*, objetiva-se, instalar a toda a população os serviços de coleta e depósito de resíduos de forma ambientalmente segura. E finalmente, sobre as metas datadas:

- a) Até o ano 2000, ter capacidade técnica e financeira e os recursos humanos necessários para proporcionar serviços de recolhimento de resíduos a altura de suas necessidades;
- b) Até o ano 2005, oferecer a toda a população urbana serviços adequados de tratamento de resíduos;
- c) Até o ano de 2005, assegurar que existam serviços de tratamento de resíduos para toda a população urbana e serviços de saneamento ambiental para toda a população rural.

2.2.2 Os resíduos sólidos e os mecanismos legais de defesa ambiental do Brasil

No que se refere a legislação ambiental, é a Lei 6.938 de 31 de agosto de 1981 que institui a Política Nacional do Meio Ambiente, sendo então base para toda a estrutura legal que dará as diretrizes de como combater e controlar os malefícios trazidos pelo desenvolvimento desenfreado da economia ao meio ambiente.

A Lei 6.938 destaca três estruturas que deverão gerenciar e controlar a situação do meio ambiente brasileiro, ressaltando que estas devem sempre estar em sintonia com toda a estrutura estatal, constituindo-se desta forma, nas três siglas SISNAMA, CONAMA e IBAMA.

Por SISNAMA entende-se o Sistema Nacional do Meio Ambiente, constituído segundo o artigo 6º da referida Lei como, “dos órgãos e entidades da União, do Distrito Federal, dos Territórios e Municípios, bem como as fundações instituídas pelo Poder Público responsáveis pela proteção e melhoria da qualidade ambiental (...)” (Lei 6.938, art 6º).

O SISNAMA é então, o órgão que integra todo o controle e gerenciamento no que se refere ao meio ambiente brasileiro, pois dentro dele estão tanto o CONAMA quanto o IBAMA, entre outras funções, distribuídos respectivamente a segundo hierarquia:

- O Conselho de Governo, cuja função é a de assessorar o Presidente da República nas formulações de políticas ambientais;
- Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), que deve assessorar, estudar e propor ao Conselho do Governo, diretrizes para a confecção de políticas governamentais ambientais;
- A Secretaria do Meio Ambiente, cujo objetivo é coordenar, planejar, supervisionar e controlar, as políticas e diretrizes nacionais para o meio ambiente;
- E o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais, que é o órgão executor das políticas ambientais.

Atrelado aos órgãos principais, tem-se algumas instituições que atuam em jurisdições específicas, o Estado e o Município, onde os dois últimos têm a função de complementar e criar normas suplementares as suas realidades, seguindo a lógica, primeiramente do governo federal, seguido pelo estadual e, por fim, o municipal, a partir dos princípios estabelecidos e outorgados pelo CONAMA.

Apesar da legislação brasileira ser bastante apurada, ao procurar algo sobre uma possível política nacional de resíduos sólidos, o que foi encontrado fora apenas projetos e nada sobre uma efetiva política instituída sobre tal problemática.

Crê-se que devido aos tramites burocráticos, e por que não dizer também, devido o descaso de algumas personalidades políticas brasileiras, o projeto de uma política nacional sobre os resíduos sólidos se arrasta por exatos 10 anos. O primeiro projeto foi concebido em 1998, numa comissão cujo relator foi o deputado Emerson Kapaz, do PPS. Ao longo destes 10 anos o projeto sofrera modificações constituindo-se no projeto de lei de Luciano Zica,

do PT. Atualmente o projeto foi apensado ao projeto de Lei 203/91¹⁶, que por sua vez aguarda votação em Plenário.

Desta forma ao propor uma análise sobre o que efetivamente fora cumprido dentre as proposições referentes aos resíduos sólidos na Agenda 21, observa-se que algumas medidas vem sendo tomadas, mas estas não contam com qualquer diretriz ou política pública Estatal, as medidas que se apresentam advêm da iniciativa de organizações não governamentais, instituições privadas e de determinado segmento da população conhecido como *catadores*.

Mediante este vácuo do Governo Federal, as unidades de federação tomam algumas medidas a partir de algumas proposições do CONAMA, e legislam suas próprias políticas de resíduos sólidos, contudo, convém ressaltar que as unidades de federação necessitam de meios mais eficazes de ação que por sua vez, dêem diretrizes à este gerenciamento, proporcionando políticas públicas mais eficazes. Estas diretrizes deveriam ser propostas pelo Governo Federal.

¹⁶ O projeto de Lei 203/91 trata do condicionamento, coleta. Tratamento, transporte e destinação final dos resíduos de serviços de saúde.

CAPÍTULO 3

A GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS

3.1 Sobre o tratamento e a destinação dos resíduos sólidos

Cada pessoa, ao longo da vida, gera cerca de 25 toneladas de lixo, “uma montanha de restos de comida, papel, plástico, vidro, etc, no entanto, apesar de produzir essa quantidade de resíduos, a maioria das pessoas acha que basta colocar o lixo na porta de casa e os problemas acabam-se”. (ABREU, 2001⁵ apud. PERREIRA, 2002, P.37). Contudo sabe-se que as coisas não funcionam assim.

A questão do tratamento dado aos resíduos é algo extremamente delicado, uma vez que pode acarretar problemas ligados diretamente ao meio ambiente até problemas de saúde pública.

Algumas das formas com as quais as cidades tentam lidar com a problemática da destinação e do tratamento dos resíduos sólidos são:

Lixões: local onde o lixo é depositado a céu aberto. Geralmente estes locais encontram-se distante do centro urbano das cidades, assim como também afastado de bairros onde residem as classes A e B (RIBEIRO e LIMA, 2000). Nestes locais o chorume⁶ penetra com maior facilidade no solo, contaminando águas subterrâneas, rios, provocando gases que geram explosões e fogo, entre outras intempéries. Nestes locais proliferam ratos, baratas, moscas, e pessoas que vivem da catação de materiais a serem reaproveitados.

⁵ ABREU, M.F. Do lixo a cidadania – estratégias para ação. Brasília: caixa, 2001, p.17.

⁶ “Líquido produzido pela decomposição de substâncias contidas nos resíduos sólidos, que têm como características a cor escura, o mau cheiro e a elevada demanda bioquímica de oxigênio (DBO)”. ABNT (1984)

Figura 1 - Lixão¹⁹



Tabela 01 - Algumas doenças transmitidas através dos ratos

Doença	Agente Etiológico	Transmissão
Meningite Linfocitária	Vírus linfático Coriomeningite	Urina e secreção nasal
Gastrenterite	Salmonella ssp.	Fezes
Riquetiose vesicular	Rickettsia akari	Mordedura
Leptospirose	Leptospira icterone - morrhagie	Urina
Tifo murino	Rickettsia typhi	Pulga (sugamento)
Brucelose	Brucel	Urina (rato/ suína)
Triquinose	Trichinella spirallis	Homem

Fonte: RIBEIRO e LIMA, 2000.

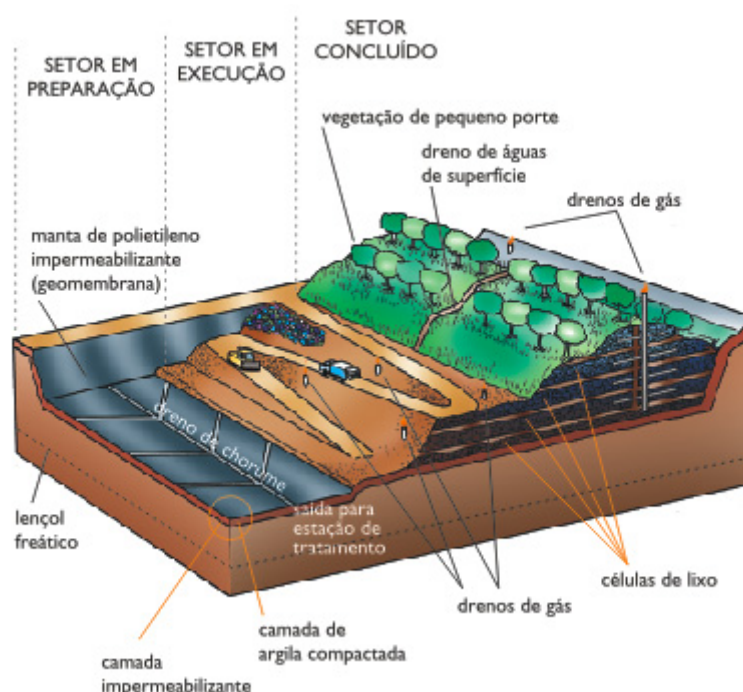
Aterro controlado: Técnica de disposição de resíduos sólidos urbanos no solo, sem causar danos ou riscos a saúde pública, e a sua segurança, minimizando os impactos ambientais, método este que utiliza princípios de engenharia para confinar os resíduos sólidos, cobrindo-os com uma camada de material inerte na conclusão de cada jornada de trabalho. (NBR 8849/ ABNT, 1985).

¹⁹ fonte:

<http://www.pjf.mg.gov.br/governo/secretarias/demlurb/imagens/aterro/lixao.jpg> .
Acessado em 13/10/2008.

Aterro sanitário: Técnica de disposição de resíduos sólidos urbanos no solo, sem causar danos à saúde pública e a segurança, minimizando os impactos ambientais, método este que utiliza princípios da engenharia para confinar os resíduos sólidos a menor área possível e reduzi-los ao menor volume permissível, cobrindo-os com uma camada de terra na conclusão de cada jornada de trabalho, ou a intervalos menores se for necessário. (NBR 8419/ABNT, 1984).

Figura 2 – sistema de aterro sanitário²⁰



Usinas de Compostagem: são usinas que transformam os resíduos orgânicos em adubos para a agricultura, para tal é necessária uma separação previa dos materiais orgânicos a serem compostados dos inorgânicos. Uma limitação deste processo é de que o preço final pago pelo produto, na maioria das vezes, não cobre os custos de produção. (PEREIRA, 2002, p. 40)

²⁰ Fonte: http://www.urbam.com.br/imgs/hora-agora/img_cont3.jpg . Acessado em 13/10/2008.

Incineradores: são geralmente utilizados para processar materiais perigosos, e / ou diminuir o volume de resíduos. O produto deste processo, as cinzas, geralmente é destinado aos aterros devido seu caráter perigoso. Este processo tem um custo elevado, além de emitir gases nocivos – troca-se poluição do solo para poluição do ar.

Reciclagem: é um sistema utilizado para recuperar e reutilizar resíduos sólidos através da transformação da matéria. A reciclagem pressupõe uma coleta seletiva, e é considerado o único dos processos de tratamento de resíduos sólidos que não gera sobras ao final (SOBRINHO, 2001). Devido estas características pretende-se aprofundar na discussão que tange a reciclagem no próximo tópico deste capítulo.

3.1.1 Sobre a Coleta Seletiva e a Reciclagem com ênfase na realidade brasileira

O processo que tange o gerenciamento saudável dos resíduos sólidos consiste sua filosofia na conhecida teoria dos *três Rs*, sendo estes, *Reduzir*, *Reutilizar* e *Reciclar*, funcionando exatamente nesta lógica, primeiro reduzir a produção de resíduos, posteriormente reutilizar tudo que for possível e por último, reciclar o restante.

A *Redução* envolve uma revisão nos padrões de consumo e na cultura do descarte, visando minimizar os impactos trazidos pelo material descartado no meio ambiente. Já por *Reutilização*, entende-se como um processo que engloba o reaproveitamento de produtos antes do descarte direto, podendo ser este movimento exercido através do artesanato, trocas, restauros, etc. e finalmente por *Reciclagem*, compreende-se a recuperação de materiais pós-descarte, através da mudança em sua estrutura física (SOBRINHO, 2001).

Como dito anteriormente, este presente tópico destina-se a tratar dos aspectos relacionados ao gerenciamento dos resíduos sólidos via reciclagem.

3.1.1.1 A Coleta Seletiva

A coleta seletiva consiste na separação de materiais tidos como recicláveis, sendo estes, papéis, vidros, plásticos e metais, do restante considerado lixo. Recolhidos estes materiais são/ deveriam ser destinados a centros de reciclagem, que fariam uma separação mais minuciosa, destinando estes materiais a indústrias recicladoras (MOUÇOUÇA, 1990). Desta forma a coleta seletiva é considerada o primeiro passo do processo de reciclagem.

Definição dada pela ABNT à coleta seletiva: “coleta que remove os resíduos previamente separados pelo gerador, tais como papéis, latas, vidros e outros”.(NBR 12.980, 1993).

A coleta seletiva é uma alternativa ecologicamente correta que desvia do destino em aterros sanitários ou lixões, resíduos sólidos que podem ser reciclados. Com isso, dois objetivos importantes são alcançados. Por um lado a vida útil dos aterros sanitários é prolongada e o meio ambiente é menos contaminado. Por outro lado o uso de matéria prima reciclável diminui a extração dos nossos tesouros naturais.²¹

A coleta seletiva é passo fundamental na reciclagem, pois os materiais quando colocados junto com a matéria orgânica ficam *sujos* e perdem seu valor comercial, se separados não ocorre esta contaminação, o que aumenta o valor comercial dos materiais recicláveis.

Pensando a questão da coleta seletiva no Brasil aparece em 1978, a primeira prefeitura a realizar a coleta seletiva do lixo, que foi a cidade de Pindamonhangaba - SP, contudo, efetivamente documentada, tem-se a cidade de Niterói – RJ, que inicia a coleta em 1985 (SOBRINHO, 2001, p.40).

Assim sendo, observe alguns dados da pesquisa realizada pela CEMPRE²², sobre a coleta seletiva do lixo no Brasil:

²¹ www.lixo.com.br acessado em 14 de agosto de 2008

²² http://www.cempre.org.br/ciclossoft_2008.php . A cessado em 05/09/2008.

Gráfico 1



Gráfico 2

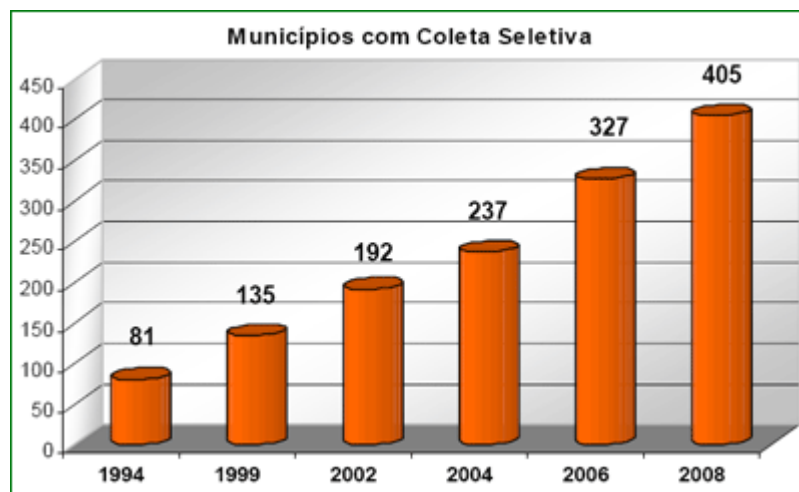


Gráfico 3



Gráfico 4

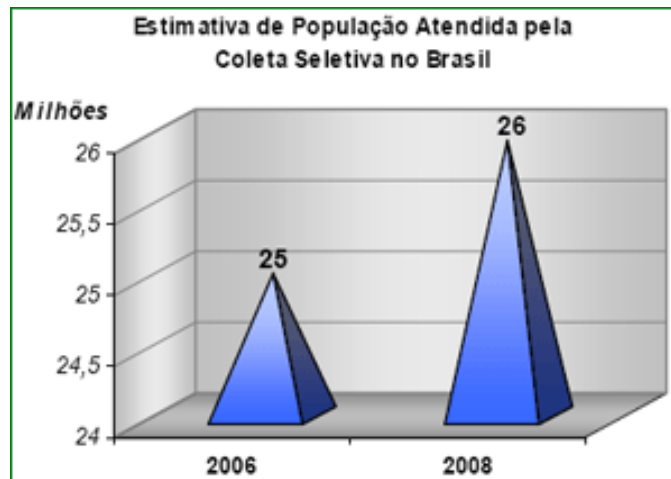
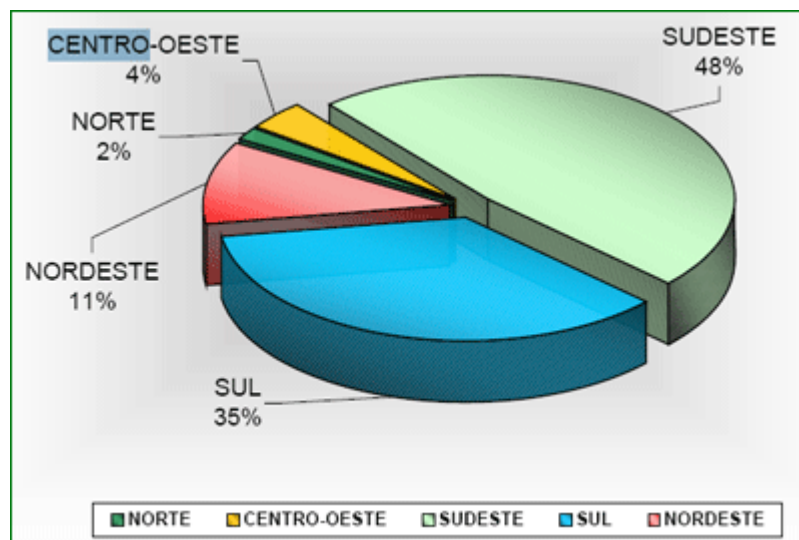


Gráfico 5



A partir da análise dos dados apresentados é possível perceber a diminuta participação da coleta seletiva no que tange o gerenciamento dos resíduos sólidos no Brasil.

3.1.1.2 Sobre a Reciclagem

Segundo CALDERONI (2003)

O termo “reciclagem”, aplicado a lixo ou a resíduos, designa o reprocessamento de materiais de sorte a permitir novamente sua utilização. Trata-se de dar aos descartes uma nova vida. Neste sentido, reciclar é “ressuscitar” materiais, permitir que outra vez sejam aproveitados. (CALDERONI, 2003, p.52)

A reciclagem, assim, constitui um processo no qual o material separado do lixo *sujo* é reintroduzido no processo produtivo e transforma-se em um novo produto, podendo ser ele igual, semelhante, ou completamente diferente do produto inicial (DUSTON¹⁹ apud. CALDERONI, 2003, p.52).

Observe alguns dados sobre a reciclagem obtidos na pesquisa da CEMPRE²³:

Tabela 2 - Destino dos resíduos sólidos urbanos (kg per capita/ano)

País	Atenos e/ou lições	Incineração com recuperação de energia	Compostagem + Reciclagem
Brasil*	251	-----	33
Bélgica**	24	155	296
República Tcheca**	234	29	33
Alemanha**	4	179	383
Espanha**	289	41	253
França**	192	183	178
Itália**	284	65	199
Portugal**	274	95	66
Suécia**	25	233	239
Reino Unido**	353	55	180
Hungria**	376	39	53

Fontes: *Cempre (2006)/**Eurostat (2006)

Tabela 3 - Geração de resíduos urbanos per capita (kg/hab/ano)

Brasil*	284
Polónia**	259
Dinamarca**	737
Suécia**	497
Reino Unido**	588
Itália**	548
Alemanha**	566
Eslovénia**	432

Fontes: *Cempre (2006) e **Eurostat (2006)

¹⁹ DUSTON, T. E. Howm to measure the gains from recycling – recycling solid waste. London: quorum books, 1993, p.136.

²³ http://www.cempre.org.br/cempre_informa.php?lnk=ci_2008-0506_negocios.php .Acessado em 05/09/2008.

Tabela 4 - Reciclagem de embalagens de aço

Brasil*	40%
Alemanha**	89%
Espanha**	69%
Finlândia**	53%
Itália**	66%
Noruega**	66%
Portugal**	69%
Bélgica**	93%
Estados Unidos***	63%

Fontes: *Cempre (2006), **APEAL – the Association of European Producers of Steel (2006) e ***U.S. Environmental Protection Agency - EPA (2006)

Tabela 5 -Reciclagem de alumínio (somente latas)

Brasil*	94,4%
Argentina*	89,6%
Japão*	90,9%
França*	25%
Noruega*	Meta de 60% (alcançado 59%)
Polônia*	Meta de 30% (alcançado 87%)
Estados Unidos*	51,6%

Fontes: * Abal e Abralatas (2006)

Tabela 6 -Reciclagem de Plásticos

Brasil	20%
França	14%
Noruega	17%
Portugal	11%
Alemanha	32%
Bélgica	25%
Suíça	23%
Suécia	22%

Fontes: Plastics Europe e Instituto Sócio-ambiental dos Plásticos - Plastivida (2006)

Tabela 7 -Reciclagem de PET

Brasil	51,3%
Japão	62%
Argentina	27,1%
Austrália	27%
Estados Unidos	23,5%
México	11%

Fonte: Associação Brasileira da Indústria do Pet - Abipet (2006)

Tabela 8 -Reciclagem de papel/papelão

Brasil*	45,4%
Alemanha*	74,5%
Espanha*	58,9%
Japão*	73,1%
Estados Unidos*	51,9%
China*	34,3%
Polônia**	Meta de 42% (alcançado 65%)

Fonte: Associação Brasileira de Papel e Celulose

Tabela 9 - Reciclagem de vidro

Brasil*	46%
Alemanha**	97%
França**	71%
República Tcheca**	Meta de 80% (alcançado 80%)
Bélgica**	Meta de 15% (alcançado 108,8%)
Noruega**	89%
Polônia**	Meta de 29% (alcançado 38%)
Suécia**	Meta de 70% (alcançado 96%)
Portugal**	Meta de 15% (alcançado 1%)
Estados Unidos*	40%

Fontes: *Cempre (2006) e **Pro Europe (2006)

A partir destes dados é possível constatar que o Brasil já é considerado líder mundial na reciclagem de alumínio e de embalagens PET (Politereftalato de etila), além de apresentar números significativos também na reciclagem de papel/ papelão, aço, e plástico.

Em 2006, data em que foi realizada a pesquisa cujos dados constam acima, o Brasil gerou 51.100.000 toneladas de resíduos sólidos, sendo que apenas 18% da fração de lixo seco foram recicladas (CEMPRE, 2006). Isto é, o Brasil apesar de ser considerado recordista mundial em reciclagem em algumas áreas, como a de alumínio, os números ainda deixam a desejar – convém destacar que o Brasil só é considerado líder em algumas áreas de reciclagem, pois é comparado com países de população menor e logo produtora de menos resíduos.

Na Europa 270 milhões de pessoas tem acesso a coleta seletiva, sendo que na Suécia, 81% das pessoas separam os seus resíduos, e na Espanha este índice é de 73%, números que são muito distante da realidade de coleta seletiva no Brasil.

Esta defasagem observada no Brasil em muito se deve a crença de muitos representantes do poder público sobre a inviabilidade econômica da implantação da coleta seletiva e logo da reciclagem.

CALDERONI (2003) em sua obra *Os Bilhões Perdidos no Lixo* demonstra bem esta perspectiva a partir da fala do secretário de serviços e obras, da prefeitura de São Paulo, cujo argumento é o seguinte: “(...) o custo da coleta seletiva do lixo esta hoje em 417 dólares por tonelada, contra uma receita de 50 dólares, dando um prejuízo de 367 dólares por tonelada” (CALDERONI, 2003, p. 41).

A partir desta fala, o argumento se torna convincente, contudo ainda segundo CALDERONI (2003), o que parece ocorrer é uma *superestimativa* dos custos de coleta e uma *subestimativa* da receita, uma vez que não são considerados os custos evitados mediante a implantação deste programa no que se refere a: redução do volume do lixo encaminhado aos aterros; a economia de energia e de água – uma vez que o processo de reciclagem gasta menos energia e água em sua transformação do que a confecção de um produto a partir da matéria prima in natura -; a redução nos gastos ligados à saúde pública; e a geração de empregos – aumentando a participação da população na economia. Assim, além de redimensionar o movimento da economia, este processo ainda atrai benefícios quanto a preservação e uso racional dos recursos naturais, além de reduzir o desperdício.

3.1.2 O Catador de Material Reciclável no Brasil

Quando se fala de reciclagem e de coleta seletiva entende-se a coleta como a primeira etapa do processo de reciclagem. Deste modo, ao então pensar a realidade brasileira percebe-se que os números são contraditórios, uma vez que se apresentam números recordes em reciclagem e números ínfimos no que tange a coleta seletiva.

Sendo assim, mediante este panorama, emerge a questão: como é possível ser recorde em reciclagem sem uma estrutura de coleta seletiva no país? É buscando uma resposta para este questionamento que encontra-se o *catador de material reciclável*.

O atual modelo que alicerça a nossa sociedade é o sistema capitalista, modelo este que constitui “(...) um processo perverso, atingindo individualmente pessoas, mas, sobretudo, que faz parte de uma complexa lógica de relações econômicas, sociais, culturais e políticas do capitalismo global. É neste quadro que se insere o catador de materiais recicláveis” (SANTOS²⁴ apud. PERREIRA, 2002, p. 41).

A profissão de catador de material reciclado surge no Brasil a partir do desenvolvimento da indústria, sendo conhecidos neste momento como papeleiro, garrafeiro, ou *burro sem rabo* (GONÇALVES, s/d)²⁵. Contudo outro fator que auxilia neste processo é a estagnação da economia nos anos 80 e o aumento do desemprego, assim a profissão de catador ganha maior *visibilidade* uma vez que seus adeptos buscam neste ramo a reprodução material de suas vidas.

²⁴ SANTOS, M.C.L. Vivendo das sobras; a cultura do desemprego e o catador de papel. In: MUÑOZ,

²⁵ GONÇALVES, P. In: www.lixo.com.br. Acessado em 23/08/2008

Gráfico 6 – Mundo: evolução da taxa de desemprego da força de trabalho (%), 1975 – 1999²⁶

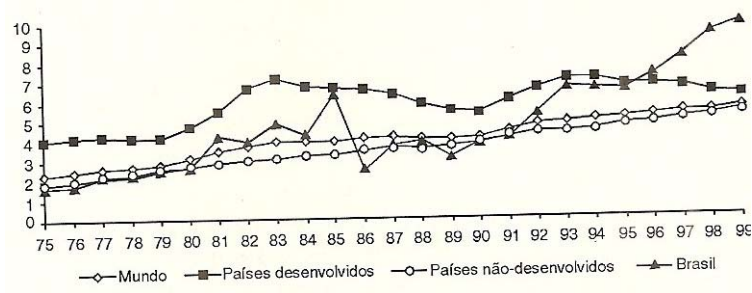
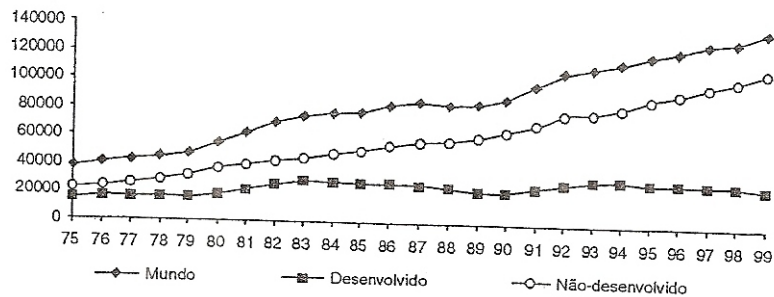
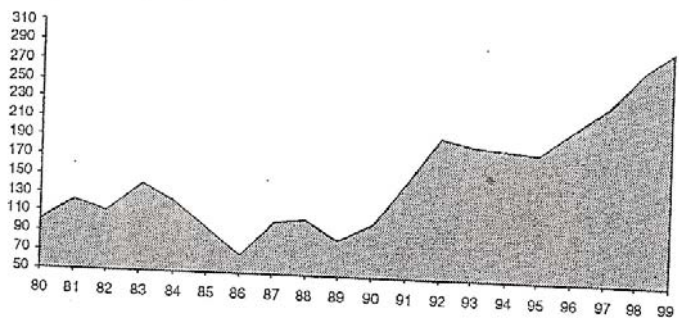


Gráfico 7 – Mundo: evolução da quantidade de desempregados, 1975-1999²⁷



Fonte primária: UN; ILO; WB; IMF; OCDE; EUROSTAT

Gráfico 8 – Brasil: evolução do índice de desemprego 1980-1999 (1980 = 100,0)²⁸



Fonte: FIBGE/PNAD's ajustadas

²⁶ POCHMANN, M. O emprego na globalização – a nova divisão do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001, p.86.

²⁷ Idem, p.87

²⁸ Idem, p.102

Estima-se que no Brasil o número de catadores de materiais recicláveis seja de aproximadamente 500 mil pessoas, sendo que deste número, 2/3 encontram-se no Estado de São Paulo – lugar com maior concentração de indústrias no país. (MACEDO e MEDEIROS, 2006).

A figura do catador aparece num contexto de extrema precarização do trabalho, que se acentua mediante o caráter informal de sua atividade, isto é, segundo BIRBECK²⁹ (1978) apud MECEDO e MEDEIROS (2006), que denomina os catadores de *self-employed proletarians*, “(...) o auto emprego não passa de uma ilusão, pois na realidade eles vendem sua força de trabalho a indústria da reciclagem, sem, contudo terem acesso à seguridade social do mundo do trabalho” (op.cit. p.65).

O papel do catador na cadeia produtiva da reciclagem no Brasil é de extrema importância, pois, é ele quem fará o processo da coleta seletiva, eles catam os materiais de porta em porta, separam o material do lixo orgânico, limpam, separam novamente de acordo com suas características físicas – papel, plástico, alumínio, etc - e por fim direcionam estes materiais à depósitos, *sucateiros* e centros de reciclagem. São nestes locais que o material será pesado e um preço estabelecido será pago aos catadores, é daí que vem sua renda.

Desta forma, é exatamente por que sua renda depende da quantidade de material coletado, que a rotina de trabalho do catador é extremamente exaustiva, como observa MAGERA (2003):

Muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas: um trabalho exaustivo, visto as condições que estes indivíduos se submetem, com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de 4 toneladas por mês), e percorrendo mais de vinte quilômetros por dia, sendo no final, muitas vezes explorados pelos donos dos depósitos de lixo (*sucateiros*) que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados do dia por bebida alcoólica ou pagam-lhe um valor simbólico suficiente para sua própria reprodução como catador de lixo (MAGERA, 2003, p. 34).

²⁹ BIRBECK, C. *Self – employedproletarians in an informal factory: the case of cali's garbage dump*.London: world development, 1978, pp.1173-1185.

Assim pode-se perceber que a mão – de - obra do catador é elemento base da cadeia produtiva da reciclagem (pois faz às vezes da coleta seletiva) e conseqüentemente mediante os fatos apresentados, é também extremamente lucrativa, uma vez que trabalha –se em condições precárias, na informalidade, sob extrema exploração tendo em troca apenas um valor que possibilite a reprodução de sua própria força de trabalho, e assim a manutenção desta mesma dinâmica.

Ainda um fato destacado por MAGERA (2003), é a baixa escolaridade apresentada pelos catadores, que acaba por reforçar, dentro da lógica do trabalho capitalista, a sua posição de submissão.

Além dos elementos expostos acima, no que se refere a precariedade do trabalho dos catadores, também observa-se o elemento da saúde, pois a convivência com o lixo – cabe observar também que, muitas vezes o material coletado é guardado na casa do catador para posteriormente, após uma triagem, ser levado ao depósito - faz com que este conviva com diversas pragas urbanas como ratos, baratos, moscas e a dengue, e assim esteja suscetível à doenças.

Dois fatos relacionados à saúde chamaram a atenção da população assim como das instituições públicas, sendo estes o caso do lixão de Aguazinha, em Olinda – RE, em 1994, quando várias crianças foram hospitalizadas com intoxicação alimentar causada pela ingestão de carne humana do lixo hospitalar que até então era depositado neste lixão; e o caso Césio 147, onde sete pessoas morreram em Goiânia ao entrar em contato em um lixão com cápsulas do elemento radioativo césio 147.

Com o fato de Aguazinha pode-se destacar outro aspecto que acompanha a vida do catador, que é a presença das crianças, ou seja, isto se dá devido uma rotina exaustiva de trabalho onde os catadores não têm com quem deixar seus filhos, que assim acabam por acompanhá-los no dia a dia de trabalho.

Segundo RIBEIRO e SANTOS³⁰ (2000) apud DIB-FERREIRA (2005), “o trabalho na lixeira é via de regra, realizado na companhia dos filhos que

³⁰ RIBEIRO, A . C. M. e SANTOS, V. F. criança no lixo nunca mais - relatório de atividades – morro do céu. Niterói. Rio de Janeiro: Secretaria de Integração e Cidadania, julho de 2000. (disponível em: <http://www.jornaldomeioambiente.com.br/txt-index.asp>)

ajudam na seleção do material” (p.6). “Estes dados apontam para uma certa continuidade entre pais e filhos no que se refere ao trabalho (...) se as crianças de ontem ingressavam no mercado de trabalho pela via da lavoura, da serventia doméstica ou do trabalho ambulante, muitas, hoje, começam catando lixo”. (JUNCA³¹ apud DIB-FERREIRA, 2005, p.6)

Foi exatamente devido esta problemática, que surgiu a campanha “Criança no lixo nunca mais” da UNICEF, visando assim, erradicar o trabalho infantil no lixo.

Apesar do trabalho do catador ser marginalizado, desde os anos 80 existe um movimento que busca unificar a luta por mudanças nesta categoria de trabalho, desde de a organização em associações e cooperativas, assim como na década de 90 com o apoio de instituições não governamentais, até o que culminaria no ano de 1999 na criação do Movimento Nacional dos Catadores. Em 2001 ocorre o 1º Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MOTA, 2005); em 2002 a profissão de catador é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), estando registrados como catadores de material reciclável pelo número 5192-05, que descreve a profissão de catador como, “aqueles que catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papelão, papel e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais re - aproveitáveis”³² (www.ministeriodotrabalho.gov.br).

³¹ JUNCA, D. et al. A mão que obra no lixo. Niterói. Rio de Janeiro: EdUFF, 2000, p 51.

³² www.ministeriodotrabalho.gov.br

CAPÍTULO 4

A CADEIA PRODUTIVA DA RECICLAGEM NA CIDADE DE MARÍLIA – SP

O presente capítulo pretende mapear a cadeia produtiva da reciclagem enfatizando a figura dos catadores de materiais recicláveis, na cidade de Marília interior do estado de São Paulo.

4.1 Breve panorama do lixo em Marília – SP

A cidade de Marília conta com cerca de 200 mil habitantes, e uma população flutuante de 20 mil estudantes, tendo uma economia baseada principalmente no comércio e na indústria alimentícia, e gerando diariamente por volta de 200 toneladas de lixo. Este lixo é depositado em um aterro, localizado na vicinal Marília – Avencas, sem qualquer tratamento prévio, o que ocorre apenas, é que ao final do dia uma camada de terra é despejada sobre o material, não impedindo a contaminação do solo e nem dos lençóis freáticos⁷.

A gestão dos resíduos na cidade de Marília fica a cargo da prefeitura, que teoricamente se baseia na Política Estadual de Resíduos Sólidos.

Com a contaminação da bacia do Rio do Prata pelo chorume gerado pelo aterro, a prefeitura desde a gestão do Prof. Bulgareli, vem desenvolvendo obras para a construção de um aterro sanitário localizado na vicinal Marília – Echaporã, transformando assim, o antigo aterro irregular em uma área de reflorestamento.

A cidade apesar de contar com uma cooperativa de reciclagem, não desenvolve nenhum projeto de coleta seletiva. Estima-se que existam nesta cerca de 700 catadores de materiais recicláveis, que vendem estes produtos a uma média de 30 depósitos (sucateiros)³⁴, que por sua vez repassam os

⁷ Fonte: <http://www.yesmarilia.com.br/marilia/estatisticas.htm> . Acessado em 14/09/2008.

³⁴ Fonte: http://www.diariodemarilia.com.br/ver_noticia.php?noticia=21081 . Acessado em 20/04/2008.

produtos a duas empresas consideradas centros de reciclagem, a Aparas de Papel de Marília e a São Sebastião Aparas de Papéis.

4.2 Os catadores de materiais recicláveis da cidade de Marília - SP

A inquietação em compreender a realidade dos catadores de materiais recicláveis, surgiu da constatação de que esta categoria consiste em ser a base de todo o processo de reciclagem no Brasil, uma vez que não existem programas de coleta seletiva no país que abarquem grande parte do território nacional.

Assim atrelado a este fator, outro elemento que instigou a pesquisa foi de que apesar da importância dos catadores no processo da reciclagem, estes são tratados com grande descaso por todos os segmentos sociais, desde de as instituições públicas até a própria população, uma vez estes agentes parecem ser invisíveis aos olhos da sociedade (DIB – FERREIRA, 2005).

Portanto, foi desta forma, com o intuito de compreender a realidade efetiva dos catadores de materiais recicláveis da cidade de Marília, que foi desenvolvido o projeto *SobreVidas*.

4.2.1 Uma análise da realidade dos catadores de materiais recicláveis

A partir dos dados obtidos no projeto *SobreVidas* foi possível estabelecer duas realidades guia (tipificadas) dos catadores de materiais recicláveis, isto é, foram selecionados duas realidades consideradas uma, a mais precária, e outra a mais estável, ambas assim estabelecidas mediante a característica material da vida.

Realidade A – mais precária

Família A, composta por 5 membros, pai, mãe e três filhos. Residindo em área de ocupação ilegal considerada pela prefeitura da cidade como área de favela, sem acesso a água encanada ou esgoto, utilizando-se do sistema de

fossa e obtendo água por intermédio de vizinhos. A casa consiste em uma habitação de tábuas, sendo um cômodo de 8 metros quadrados.

A coleta do material reciclado é feita pela família utilizando-se de sacos plásticos durante a coleta. Este trabalho gera uma renda de cerca de cinquenta reais por mês, vivendo a família também de doações de parentes e vizinhos, assim como também da Bolsa – Família, Programa do Governo Federal, obtido devido os três filhos freqüentarem a escola.

Figura 3 – Família realidade A



foto do autor

Família B – mais estável

Família B, composta por 4 membros, pai, mãe e dois filhos. Residindo em área de ocupação legal, no sistema de casa própria, sendo esta uma casa de alvenaria, de quatro cômodos, sala, um quarto, cozinha e banheiro, contando com água e esgoto encanados.

A coleta do material reciclado é feita pelo pai da família que utiliza veículo automotor, fazendo às vezes de intermediário entre catador de rua e

depósito. O material coletado é levado à casa, onde é armazenado, para apenas posteriormente ser dirigido aos centros de reciclagem. Este trabalho gera uma renda de cerca de oitocentos reais por mês, a família não conta com nenhum auxílio do governo.

Figura 4 - Casa da família realidade B



foto do autor

Figura 5 – Veículo Automotor utilizado para coletar material reciclável



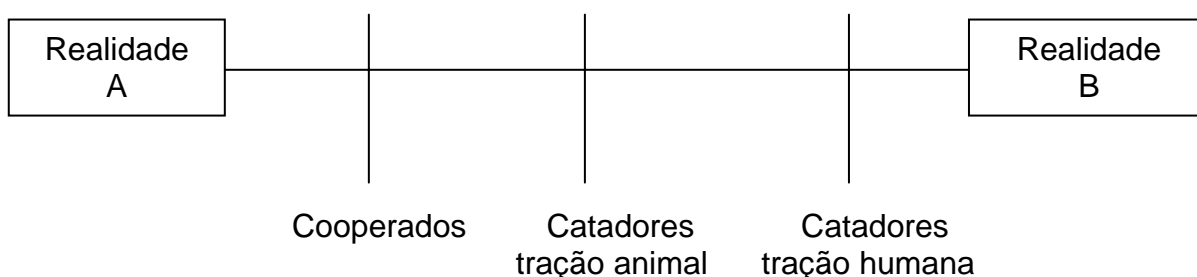
foto do autor

A partir destes dois pontos delimitados pelas realidades A e B, observa-se na pesquisa realidades intermediárias, que foram classificadas mediante forma de trabalho e renda gerada.

Desta forma apresenta-se:

- Catadores de rua sem veículo – utilizando-se de sacolas plásticas para coleta (realidade A);
- Cooperados da COTRACIL;
- Catadores de rua com veículo de tração animal;
- Catadores de rua com veículo de tração humana;
- E catadores com veículo automotor (realidade B);

Esquema 1 – a disposição dos tipos de catador mediante as realidades construídas



Quando pensa-se nas rendas destes diferentes tipos de catadores observa-se:

Tabela 10 – Renda mediante os tipos de catadores

Tipos de Catadores	Renda mensal em reais
Sem carrinho	50 a 70
Cooperados	100 a 300
Veículo de tração animal	300 a 500
Veículo de tração humana	300 a 800
Veículo automotor	600 a 1000

Perante os dados, pode-se concluir, retirando a figura do cooperado que será analisado posteriormente, que o catador de material reciclável com veículo

de tração animal tem uma renda menor em relação ao catador com veículo de tração humana devido os custos de manutenção do seu meio de trabalho, contudo o desgaste em sua rotina diária de trabalho também é menor, ou menos sacrificante em relação as sem este veículo, exceto quando utilizado veículo automotor na catação.

Outro fator a ser destacado é a carga horária de trabalho que diminui de acordo com o tipo de veículo utilizado, e que por sua vez também determina a renda, considerando que quanto maior a carga horária de coleta maior o material coletado e conseqüentemente a renda mensal. Nas pesquisas realizadas estabeleceu-se uma média na carga horária de 13 horas diárias de trabalho, entre coleta e separação do material.

Dos chefes de família, das famílias analisadas, incluindo pai e mãe, apenas uma pessoa havia completado o ensino médio, as demais nem sequer haviam concluído o ensino fundamental.

Dentre as famílias, todas possuíam um núcleo familiar “tradicional”, pai e mãe, figura masculina e feminina, contudo a maioria das mulheres traziam filhos de relacionamentos anteriores. A pesquisa considerou estes filhos como parte da família não os diferenciado dos filhos legítimos do casal.

A renda destes catadores, independente das condições de trabalho, é sempre instável, pois estes dependem de condições climáticas favoráveis para o trabalho (sem chuva ou sol muito forte), além das próprias condições de saúde em que se encontram, assim como percalços familiares, e também a instabilidade dos preços dos produtos.

Além das considerações acima é preciso ressaltar um elemento da rotina destes trabalhadores: após a coleta diária nas ruas, o material é trazido para a casa dos catadores onde é feita uma triagem pré-venda, esta armazenagem faz com que proliferem no material alguns animais como ratos, baratas e moscas, a maioria das vezes o material fica exposto a céu aberto, acumulando as águas das chuvas e tornando-se foco de dengue, isto coloca em risco a saúde dos trabalhadores que dependem todos – os pesquisados - do Sistema Único de Saúde (SUS).

4.2.1.1 A iniciativa da COTRACIL

Em meados de 1996 em Marília surgiu a iniciativa de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, através do contato de moradores do bairro Jd. Tóffoli com o projeto UNI.

O projeto UNI é financiado pela fundação Kellogg, e tem como intenção investir na formação de recursos humanos, principalmente nas áreas da saúde. Em Marília o projeto vinculou-se a Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA), sendo então chamado de UNIFAMEMA.

EM 1999 a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da cidade (SVMA) se interessou pelo projeto vendo a partir daí a possibilidade de se instalar um programa de coleta seletiva na cidade.

Neste momento o projeto já tinha uma liderança comunitária do bairro do Jd. Tóffoli, que era José de Arimatéia, que por sua vez, era quem buscava parcerias para a efetiva realização do projeto, a esta altura denominado de COOTRAMAR – Cooperativa de Trabalho de Marília. O projeto UNIFAMEMA auxiliava na organização da comunidade, enquanto a SVMA, juntamente a ACIM, davam o apoio institucional.

A partir da implementação da cooperativa, ainda não como pessoa jurídica, que a coleta seletiva se iniciou no centro comercial da cidade, nesta época a cooperativa contava com 26 cooperados, sob a liderança de um casal eleito pelos membros do grupo.

Diversos desentendimentos foram ocorrendo entre a liderança da cooperativa e os cooperados, que desconfiavam da honestidade daqueles. Além disso a localização distante do centro, Jd. Tóffoli – lembrando que Marília é uma região montanhosa – e a ausência de um local para armazenagem do material, prejudicaram os serviços de coleta. Todos estes aspectos, atrelados a separação do casal líder da comunidade, assim como o papel difuso da SVMA, fizeram com que a iniciativa da COOTRAMAR fosse fechada em janeiro de 2001 (SOBRINHO, 2001).

Após esse movimento uma nova iniciativa foi levantada em 2002, tendo como líder Ana Maria Marques, que no trecho abaixo, adquirido em

entrevista³⁵, explica o processo de retomada do que hoje é conhecido como COTRACIL – Cooperativa de Trabalho Cidade Limpa.

(...)Teve uma experiência antes que chamava COTRAMAR, fico seis meses e acabo, foi naquela época de surto da dengue, veio verba da SUCEN e tudo, mas em seis meses a pessoa que tava como presidente acabou com tudo.

Aí teve a secretaria de indústria e comércio mais a UNIFAMEMA que fizeram um curso de cooperativismo e fui lá fazer, porque eu sempre fui líder comunitária, fui no Nova Marília, no Jardim Nacional, fui presidente de um monte de lugar (...) desse curso saiu essa cooperativa que juntou o que sobrou da COTRAMAR, que tinha ficado sem pai nem mãe, tinha catadores, aí saiu a idéia da COTRACIL mais outras cooperativas que eu não sei se virou ou não.

Então a COTRACIL aí começou, começamos com reunião na FAMEMA e até hoje são parceiros nossos. Começamos sem nada, hoje a gente tem dois barracões, quatro prensas, tem um museu do lixo, uma biblioteca de livro que a gente achou no lixo.

Hoje a cooperativa tem um escritório sede, localizado na Via Expressa da cidade, e dois barracões onde é realizada a triagem do material coletado, localizando-se estes no bairro Jd. Tóffoli.

Contando com dois caminhões a cooperativa recolhe o material separado do lixo orgânico em alguns lugares com os quais foi estabelecida parceria, seja em alguns bairros, mas principalmente em condomínios e indústrias. Após esta coleta, o material é levado aos barracões onde é separado – papel, papelão, plástico duro, PAD, etc – em mesas de triagem, prensado, é então levado para venda na Aparas de Papel de Marília.

A cooperativa hoje não atende catadores de rua, pois o espaço dos barracões é pequeno e já não comporta todo material coletado.

A rotina de trabalho dos cooperados se inicia as sete da manhã e termina por volta das cinco da tarde, acontecendo de segunda a sexta – feira. Durante o período de trabalho é servido café da manhã e almoço, além dos cooperados contarem com cestas básicas mensais, e uma cota de leite semanal que é doado pela prefeitura.

Durante o trabalho basicamente todos ficam em pé durante 9 horas – retirando da carga horária de trabalho uma hora de almoço – e carregam fardos

³⁵ Anexo II

de material que chegam a pesar mais de 200 quilos. A rotina de trabalho ainda assim parece ser menos exaustiva do que a de um catador de rua que chega a percorrer uma média de 15 quilômetros por dia³⁶.

A renda mensal dos cooperados depende de quanto é coletado, separado, prensado, e vendido aos centros de reciclagem, variando muito, principalmente pelas intempéries climáticas que molham, e impedem os funcionários de chegarem até os barracões e de fazerem a coleta, assim como também, a própria ausência de assiduidade dos cooperados, que não compreendem o trabalho em cooperativa e entendem D. Ana – a presidente – como chefe, ou seja, ficam sempre ao aguardo de seu comando e vigilância.

Desta forma é possível perceber os diversos problemas pelos quais passam a cooperativa, desde a falta de estrutura e apoio institucional como e principalmente, a falta de entendimento sobre o que realmente é uma cooperativa, e o trabalho dentro dela.

Atualmente a cooperativa conta com cerca de sessenta cooperados sendo que destes, cinquenta, são mulheres.

Figura 6 – Barracão COTRACIL



foto do autor

³⁶ Fonte: http://www.diariodemarilia.com.br/ver_noticia.php?noticia=21081 . Acessado em 20/04/2008

Figura 7 – Barracão COTRACIL



foto do autor

Figura 8 – Lixo separado e prensado pela COTRACIL



foto do autor

Figura 9 –Caminhões de coleta COTRACIL



foto do autor

Figura 10 – COTRACIL no desfile cívico de aniversário de 76 anos da cidade de Marília – SP



foto do autor

4.3 A cadeia produtiva da reciclagem em Marília – SP

Como já dito anteriormente, a cidade de Marília não conta com coleta seletiva do lixo, e logo alicerça sua cadeia produtiva da reciclagem na figura do catador de material reciclável, assim como no restante do país.

É possível destacar a participação dos seguintes agentes na cadeia produtiva de Marília:

- Os catadores, que se constituem em cinco tipos: catadores de rua sem carrinho, catadores de rua com veículo de tração animal, catadores de rua com veículo de tração humana, catadores com veículo automotor e cooperados (Cooperativa de Trabalho Cidade Limpa);
- Os “sucateiros”, donos de depósitos que recebem os materiais coletados pelos catadores;
- As empresas de reciclagem, que absorvem todo o material coletado na cidade, e revendem para as grandes empresas localizadas algumas na cidade de São Paulo, Paraná e Minas Gerais. São duas: Aparas de Papel de Marília e São Sebastião Aparas de Papel.
- E por fim as empresas que reciclam os produtos e localizam-se fora da cidade de Marília.

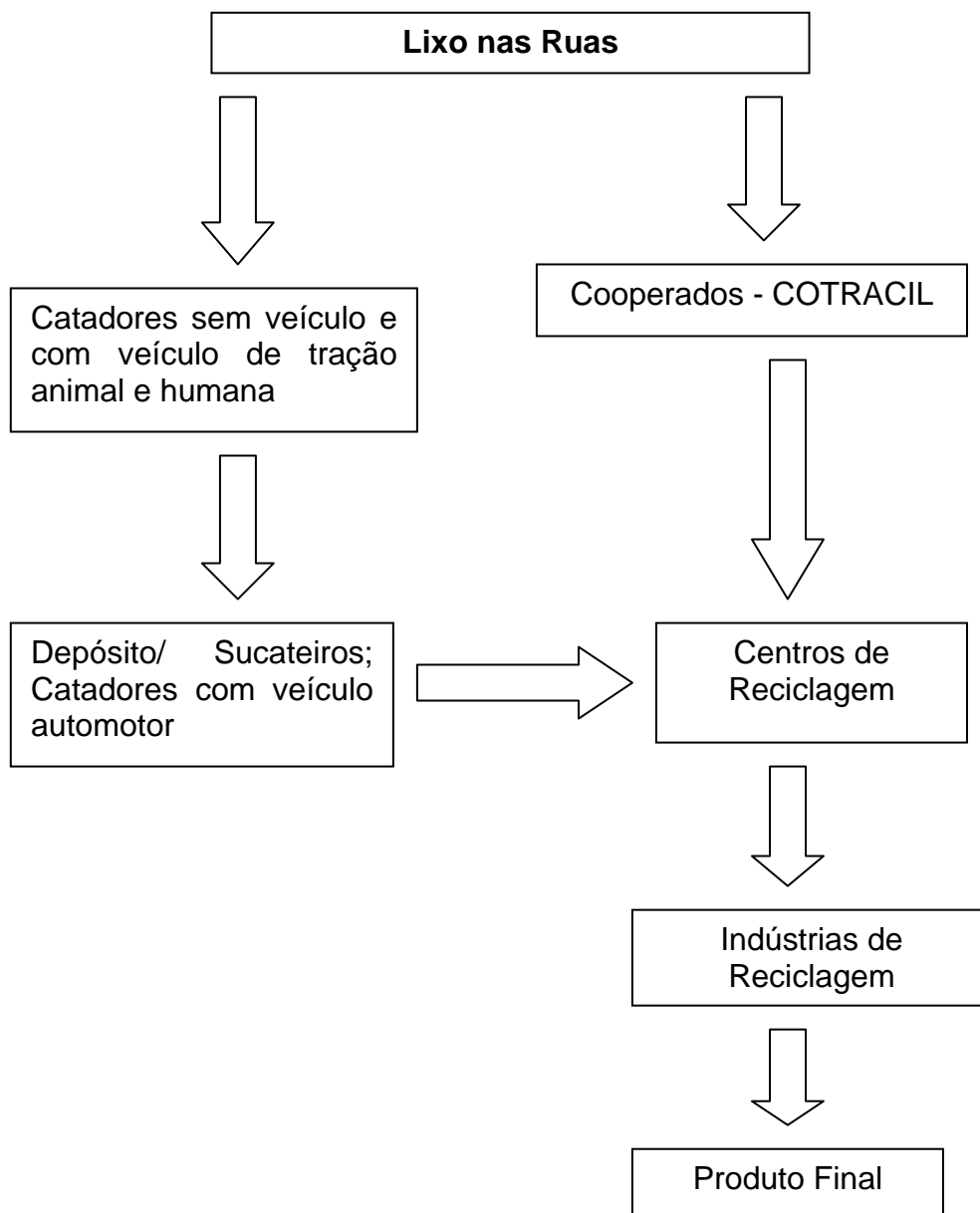
4.3.1 A rotina da reciclagem

Até chegar as indústrias de reciclagem efetivamente, o material reciclável sofre o seguinte processo:

1. Os catadores coletam o material nas ruas, e posteriormente levam para suas casas para separá-los em tipos de materiais reciclados, sendo estes, papel, papelão, plástico, alumínio, etc;
2. Depois de feita a separação o material é levado a depósitos, ou interceptado por catadores com veículo automotor, que compram estes materiais;

3. Os donos de depósitos e catadores com veículo automotor, por sua vez, revendem estes materiais aos centros de reciclagem;
4. Nos centros de reciclagem, que em Marília são a Aparas de Papel de Marília e a São Sebastião Aparas de Papel, os materiais muitas vezes serão novamente separados de acordo com classificações ainda mais específicas, e posteriormente serão revendidos a empresas que se localizam em áreas centrais como o centro metropolitano de São Paulo, do Paraná e de Minas Gerais;
5. É nas indústrias de reciclagem, localizadas fora da cidade de Marília, que o material efetivamente será transformado.

Observe o esquema da distribuição do material reciclável na cadeia produtiva de Marília:



Um aspecto que convém ressaltar dentro desta estrutura é de que anteriormente, os centros de reciclagem recebiam o material reciclado apenas separado do lixo orgânico, tendo assim funcionários que faziam uma triagem, ou seja, que separavam os materiais a serem reciclados de acordo com suas características físico-químicas. Após uma reestruturação, que seguiu os moldes da reestruturação produtiva dos anos 80, eles demitiram cerca de 60% dos seus quadros de funcionários, e a partir de então passaram a comprar o material já separado pelo catador, isto é, além da função da coleta seletiva o catador agora, também assumia o processo de triagem do material coletado, é como se a empresa tivesse terceirizado esta função, passado o processo de separação do material para o catador e, desta forma, ampliando não só o crescimento da profissão de catador no setor informal da economia, mas também aumentando a exploração de sua mão-de-obra.

Figura 11 – Material armazenado na casa de um catador



foto do autor

Figura 12 – Depósito/Sucateiro



foto do autor

Figura 13 – Aparas de Papel de Marília



foto do autor

Figura 14 – Material armazenado na Aparas de Papel de Marília



foto do autor

Figura 15 – Caminhão da Aparas de Papel Marília



foto do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi observado ao longo dos capítulos anteriores, atualmente, o Brasil, apresenta-se como recordista mundial na reciclagem de latas de alumínio, tendendo a ampliar cada vez mais a sua participação no que tange esta fração do mercado.

Contudo, apesar de ser recordista em reciclagem, o indicador da *Coleta Seletiva de Lixo* no Brasil mostra números incipientes, apenas 7 % do lixo produzido no país é coletado seletivamente, mesmo sabendo-se que a coleta seletiva é o primeiro passo do processo da reciclagem.

Destarte, foi mediante esta contradição, colocada pelos dois argumentos acima, que emergiu a questão do presente trabalho, sendo esta, a de compreender como se dá o processo da reciclagem no Brasil, entendendo que sem a presença de uma política estatal relacionada à coleta seletiva, tal atividade realizar-se-ia por meio de uma característica particular.

Assim, buscando encontrar qual seria a especificidade do processo da reciclagem no Brasil, encontrou-se o catador de material reciclável.

O catador de material reciclável, no que se refere a cadeia produtiva da reciclagem, é o ator social que realiza a coleta seletiva, fase inicial deste processo. Dentro desta dinâmica, o catador aparece como sujeito extremamente lucrativo e *necessário*, uma vez que é ele quem faz a atividade considerada como base do processo produtivo da reciclagem, trabalhando, sempre, em condições de extrema precariedade, não possuindo qualquer tipo de seguridade no trabalho exercido, e sendo continuamente exposto a diversos tipos de doenças.

O catador, para tanto, recebe uma ínfima remuneração, que por sua vez acaba apenas por lhe prover uma *raquítica* reprodução de sua vida, sendo que sua rotina diária consiste em driblar e superar as intempéries climáticas e os limites do corpo, exercendo cargas de trabalho superiores a 15 horas por dia.

Deste modo quando se pensa a relação para com os resíduos sólidos no Brasil, é possível perceber que ainda existe um longo caminho a percorrer rumo a uma gestão saudável dos mesmos.

Ao analisarem-se as proposições da Agenda 21, vê-se que é quase nula qualquer ação ou resultado envolvendo as mesmas, uma vez que o Estado brasileiro, apesar de conter uma legislação sobre meio ambiente, não possui nenhuma diretriz estabelecida sobre a questão dos resíduos sólidos.

Contudo, apesar da fraca participação de políticas públicas estatais relacionadas a esta temática, não se pode dizer que nada foi feito até agora, mas o modo como se dá a implementação de determinadas proposições da Agenda 21 no Brasil, que por sua vez culminaram no índice record de reciclagem, pode sim ser questionado.

A participação dos catadores de materiais recicláveis na realização das proposições da Agenda 21 é peça chave para que se entenda este processo, pois o papel que eles desempenham na cadeia produtiva da reciclagem é ponto crucial para a mesma.

Assim, não havendo políticas públicas que delineiem os limites deste processo, pode-se dizer que o *peso* da gestão dos resíduos sólidos no Brasil, assim como a glória adquirida pelos índices de reciclagem, recaem todos *nos ombros* dos catadores.

Não tendo outros meios de reproduzir sua vida, os catadores, acabam por se submeterem a situações de extrema precariedade, uma vez que eles realizam a coleta seletiva e revendem o material por preços simbólicos, preços estes, que darão a reciclagem brasileira característica de alta rentabilidade, fazendo assim, a manutenção do *status quo* dos catadores, e com que o mercado da reciclagem conserve sempre sua mão-de-obra, conseqüentemente, também, sua lucratividade.

Com isso pode-se entender que, sem a participação/ intervenção do Estado nesta dinâmica, quem acaba por controlar e *ditar* as regras do setor é o mercado, ou seja, o setor privado.

Desta forma, é nesta perspectiva que a situação de fragilidade do catador de material reciclável tende a se manter. É a posição por ele ocupada na cadeia produtiva da reciclagem que faz com que o lucro exista dentro deste processo. Sendo assim, cumpri-se a lógica, quanto mais precário o trabalho do catador maior a lucratividade do mercado da reciclagem.

Destarte, se é o mercado o grande controlador e gerenciador da cadeia produtiva da reciclagem, cadeia esta onde não há diretrizes e nem

pressupostos estatais estabelecidos, por que então haveria interesse em modificar a situação de extrema lucratividade dada pela atual condição de precariedade tanto do trabalho quanto da vida dos catadores de materiais recicláveis?

No que tange o interesse privado a situação dos catadores tende a se manter indeterminadamente, correndo sempre o risco de que se aprimorem cada vez mais as formas de exploração destes pelo mercado.

Isto posto, entende-se que, a única saída palpável e direta para este dilema, seria uma maior participação do Estado na dinâmica dos resíduos sólidos, estabelecendo políticas e diretrizes que não só dêem melhores destinações aos resíduos sólidos, mas que principalmente abarquem e exponham as condições de precariedade desta população, viabilizando melhorias em sua qualidade de vida, fazendo com que estes sujeitos sejam finalmente vistos e ouvidos.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Editora perspectiva, 2003.

_____. O poder simbólico. Portugal: Editora difel, 1995.

BRANCO, S. M. O meio ambiente em debate. São Paulo: Moderna, 1998.

BRIOSCHI, L.R. e TRIGO, M. H. B. Interação e comunicação no processo de pesquisa. In: Reflexões sobre a sociologia. São Paulo, CERU Nº 3, 1992.

BRÜSEKE, F.J. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (org.) Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1998, pp.29-40.

CALDERONI, S. Os bilhões perdidos no lixo. 4ªed. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2003.

DIB-FERREIRA, D.R. As diversas visões do lixo. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em ciência ambiental. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2005.

ELIAS, N. E. & SCOTSON, J.L. Os estabelecido e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FIGUEIREDO, P.J.M. A sociedade do lixo: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental. 2ª ed. Piracicaba: Unimep, 1995.

GONÇALVES, C. P. W. Os (des)caminhos do meio ambiente. 5ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

JARDIM, N.S. et al. Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado. São Paulo: IPT – CEMPRE, 1995.

KOMINSKY, E. Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. In: Ciência e cultura n. 38. São Paulo, 1986, p.30-36.

LANG, A. B. S. G. Documentos e depoimentos na pesquisa histórico - sociológica. In: Reflexões sobre a sociologia. São Paulo, CERU Nº 3, 1992.

_____. História Oral: procedimentos e possibilidades. In: Desafio da Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, CERU Nº 8, 2001.

MAFFESOLI, Michel. O conhecimento do cotidiano. Lisboa: Veja, 1987.

MAGERA, M. Os Empresários do Lixo: um paradoxo da modernidade. Campinas. SP: Átomo, 2003.

MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial (org.) LOUREIRO, I.; trad. LOUREIRO, I e OLIVEIRA. R. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MEDEIROS, L. F. R. e MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável; uma profissão para além da sobrevivência?. Goiás: Psicologia & Sociedade; 18(2): ma./ago 2006, pp.62-71.

MOTA, A . V. Do lixo a cidadania. Rio de Janeiro: Revista Democracia viva, nº 27, jun/jul 2005, pp.3 –8.

MOUÇOUÇA, P.S. A coleta seletiva do lixo. São Paulo: Polis, out./1990.

NASCIMENTO, E.P. Globalização e exclusão. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P-E. A. (orgs.). Desafios da globalização. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. pp.74-94.

NOGUEIRA, O. Pesquisa Social: introdução às suas técnicas. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 2ª ed., 1969.

ORTIZ, R. (org). Pierre Bourdieu. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Editora Ática, 1994.

PEREIRA, T. U. A miséria e a opulência do lixo: a realidade dos catadores de materiais recicláveis em Marília. Trabalho de conclusão de curso de ciências sociais. Marília: UNESP-FFC, 2002.

POCHMANN, M. O emprego na globalização – a nova divisão do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001.

PORTILHO, F. Representações sociais de profissionais do lixo. In: http://www.cfch.ufrj.br/jor_p4/repsoci2/potilho.html . Acessado em: 24/06/2008

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível”. In; VON SIMON, O. M. (org.) Experimentos com histórias de vida. Enciclopédia Aberta das Ciências Sociais. São Paulo, Vértice, editora revista dos tribunais, 1988.

_____. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. Biblioteca Básica de Ciências Sociais. São Paulo, T. A. Queiroz editor, 1991.

RIBEIRO, T. F. e LIMA, S. C. Coleta seletiva de lixo domiciliar – estudo de casos. Uberlândia: Caminhos de Geografia - Revista on line Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dez./2000, pp. 50-69.

RODRIGUES, A.M. Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOBRINHO, C. A. Resíduos sólidos urbanos e a questão ambiental: uma contribuição das ciências sociais. Trabalho de conclusão de curso de ciências sociais. Marília: UNESP – FFC, 2001.

VIEIRA, V. P. Educação ambiental para a cidadania: utopia e realidade. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em ciência ambiental. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2000.

Bibliografia Consultada

AFONSO, C. M. Sustentabilidade: caminho ou utopia?. São Paulo, Annablume, 2006.

CARMO, M.S. A Semântica Negativa do Lixo como fator positivo a sobrevivência da catação – estudo de caso sobre a associação dos recicladores do Rio de Janeiro. In: Encontro Nacional da Associação de Pós-graduação em Pesquisa em Administração – ENANPAD. Brasília-DF, 2005.

CASTELLS, M. O verdejar do ser: o movimento ambientalista. In: O poder da identidade - vol. II – 2ª ed. São Paulo, EDUSP, 1992, pp.141-168.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabril. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: Reflexões sobre a sociologia. São Paulo, CERU Nº 3, 1992.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1988.

INGOLD, T. Humanidade e animalidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ano 10 n.28, 1995, pp.39 –53.

JACOBI, P. Meio ambiente e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. In: CAVALCANTI, C. (org.) Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 384-390.

LIMA, R.M.R. e ROMEIRO FILHO, E. A contribuição da análise ergonômica ao projeto do produto voltado para a reciclagem. Belo horizonte. Minas Gerais. Revista Produção v.13 n.2, 2003, pp.82-7.

OLIVEIRA, F. Critica a razão dualista; O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003.

PERREIRA, W. F. e PERREIRA, M. Alianças estratégicas: importância da reciclagem de materiais para o meio ambiente e desenvolvimento das micro e pequenas empresas do setor de transformação de plástico. Esp. Santo do Pinhal. São Paulo, RACRE – Revista de Administração v.7 n.11, jan/dez 2007, pp.69-75.

PORTILHO, F. Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania. São Paulo; Cortez, 2005.

Anexo I

Ficha de Identificação – catador de rua

Data: ____ / ____ / ____

Nome: _____

Idade: _____ anos Apelido: _____ Nasc.: ____ / ____ / ____

Estado civil: solteiro () casado () amasiado () divorciado () separado () viúvo ()

Cor/ etnia: _____

Quantos filhos: _____ Idades: _____

Endereço: _____

Naturalidade: _____ Origem: campo () cidade ()

Escolaridade: _____ Gosta da profissão: sim () não ()

Por que: _____

Locais onde trabalha: _____

Meio de transporte para o trabalho: _____ p/ casa: _____

Onde leva o Material no fim do dia? _____

Por que começou a catar recicláveis: _____

Tempo de Profissão: _____ () autônomo () trabalha para alguém () registrado

Para quem vende o material: _____

Teve outras profissões: sim () não (). Quais: _____

Quantas horas trabalha por dia: _____ horas

Renda média mensal com a coleta: R\$ _____ outra renda: _____
R\$ _____

Quantas pessoas dependem dessa renda? _____. Quem: _____

Quantas pessoas ajudam no trabalho? _____. Quem: _____

Recebe algum auxílio do governo ou da prefeitura: () sim () não

Qual auxílio: _____

Qual o tipo de moradia: _____

O que costuma coletar e qual o valor pago em média por esse material;

_____ R\$ _____
_____ R\$ _____
_____ R\$ _____
_____ R\$ _____
_____ R\$ _____

O que faz nas horas vagas: _____

O que acha da iniciativa da COTRACIL: _____

Gostaria de ter outra profissão: sim () não () Qual: _____
Por que: _____

Há problemas com Drogas na família: sim () não () quem: _____

Quais drogas: _____

Ficha de Identificação - cooperado

Data: ____ / ____ / ____

Nome: _____

Idade: _____ anos Apelido: _____ Nasc.: ____ / ____ / ____

Estado civil: solteiro () casado () amasiado () divorciado () separado () viúvo ()

Cor/ etnia: _____

Quantos filhos: _____ idades: _____

Endereço: _____

Naturalidade: _____ Origem: campo () cidade ()

Escolaridade: _____ Gosta da profissão: sim () não ()

Por que: _____

Meio de transporte para o trabalho: _____ p/ casa: _____

Foi catador de rua: sim () não ()

Teve outras profissões: sim () não (). Quais: _____

Quantas horas trabalha por dia: _____ horas

Como entrou na COTRACIL: _____

Há quanto tempo trabalha na COTRACIL? _____

Renda média obtida na cooperativa: R\$ _____ outra renda:
_____ R\$ _____

Quantas pessoas dependem dessa renda: _____. Quem:

Há auxílio de outras pessoas na renda da casa: sim () não ()

Quem: _____ R\$ _____

Recebe algum auxílio do governo ou da prefeitura: () sim () não

Qual auxílio: _____

Qual o tipo de moradia: _____

O que faz nas horas

vagas: _____

O que acha da

COTRACIL: _____

Gostaria de ter outra profissão: sim () não ()

Qual: _____

Há problemas com Drogas na família: sim () não ()

quem: _____ Quais drogas: _____

Anexo II

Marília, 18 de fevereiro de 2008.

Conversa com Dona Ana, presidente da COTRACIL, realizada no escritório cooperativa, localizada na Via Expressa.

Primeira visita a COTRACIL

Ao chegar no escritório da cooperativa, conheci Dona Ana a presidente da COTRACIL. Rapidamente fui por ela atendida, expliquei a ela meus interesses e prontamente ela iniciou nossa conversa:

Dona Ana: O que nós queremos é trabalhar, só isso! (...) nós queremos estrutura pra trabalhar. Nós queremos que o catador tenha uma vida digna que o catador é marginalizado.

Eu sempre falo pros menino que vão no caminhão, quando você entrar na casa da madame por favor não olhe pra nada porque se alguém roubar de noite vão falar que foi nós (...) não peça pra mijar, não peça água, não peça nada, pega o seu material e sai fora! Essa é a informação que a gente dá.

(...)Teve uma experiência antes que chamava COTRAMAR, fico seis meses e acabo, foi naquela época de surto da dengue, veio verba da SUCEN e tudo, mas em seis meses a pessoa que tava como presidente acabou com tudo.

Aí teve a secretaria de indústria e comércio mais a UNIFAMEMA que fizeram um curso de cooperativismo e fui lá fazer, porque eu sempre fui líder comunitária, fui no Nova Marília, no Jardim Nacional, fui presidente de um monte de lugar (...) desse curso saiu essa cooperativa que juntou o que sobrou da COTRAMAR, que tinha ficado sem pai nem mão, tinha catadores , aí saiu a idéia da COTRACIL mais outras cooperativas que eu não sei se virou ou não. Então a COTRACIL aí começou, começamo com reunião na FAMEMA e até hoje são parceiros nossos. Começamo sem nada,

hoje a gente tem dois barracões, quatro prensas, tem um museu do lixo, uma biblioteca de livro que a gente achou no lixo.

Julia: E a prefeitura manda algum dinheiro?

Dona Ana: A prefeitura paga o aluguel de um caminhão, mais a alimentação, café da manhã, almoço e janta.

(...) Tudo que você vê aqui veio do lixo. Todo ano as crianças das escolas vem aqui e vêem que o que é lixo pra um é qualidade de vida pra outros.

Aí então começou a COTRACIL estamos com um projeto de quinze casinhas e depois mais 30, e é isso a gente vai tocando...

Então, a prefeitura da toda a alimentação mais uma subvenção de mil e seiscentos reais por mês pra pagar os combustível dos caminhão (...) cesta básica, verdura, leite, leite de soja ... a prefeitura faz a parte dela.

Julia: Quantos catadores têm aqui na cooperativa? Vocês têm um registro desse pessoal?

Dona Ana: tem a gente tem...

No início a gente começou com o catador na rua, no lixão... aí a gente achou que não era isso que a gente queria, não tinha material nada, aí a gente começou a catar no lixão, mas o lixão é andar pra trás e a gente queria ir pra frente... aí a gente foi na prefeitura e eles deram um caminhão de boi da secretaria do verde e do meio ambiente, mas nem sempre eles vinham... E também catar com os carrinhos não era isso que a gente queria.

Nóis qué tirar o catador da rua, essa vida de catador é uma vida de cachorro louco, você faz idéia do que é andar nesse Sol, subi e desce?... Aí nós achamos que a cidade tem que ser dividida em

quatro cada um com um entreposto, onde o catador vai tem um banheiro, pode beber uma água, pode descansar, enquanto pesa a mercadoria dele.

O pessoal liga pra mim e fala: “tem um catador mijando na minha rua!”, eu falo, você quer que ele mije onde? Ele não tem pra onde ir, deixa ele mija na sua casa...!

Aí nós começamo com o caminhão da secretaria do verde mas ele não vinha, mas não era por vontade deles, mas por que eles tinha serviço. Aí fomo falar como seu prefeito e ele alugou esse caminhão que ta aí hoje.

Aí o caminhão abriu nosso leque e a gente parou de catar na rua (...) começamo a fazer parceria com escolas, condomínios, casas... abrimos sete bairros na cidade onde a gente pega de porta em porta, aí aquele caminhão não era suficiente, aí nós fizemos uma parceria com o Rotary Club que mandou pros Estados Unidos e aí veio uma verba que foi comprado dois caminhões que a gente tem hoje, os dois vermelho.

Lá embaixo a gente tem 45 famílias, 45 pessoas que trabalham na separação do material, também muito precário...

Julia: Vocês têm material, como luvas, entre outros?

Dona Ana: tem mais o pessoal não usa. Você nunca foi catador, eu fui catador e não tem condição de usar (...) é muita separação, tem que separar o colorido do branco, do jornal, da revista... Muita separação do papel e pouco dinheiro... Antes era só papel e plástico e só, hoje você separa muito mais e ganha muito menos. Por quê? Porque eles diminuíram o número de funcionários e você trabalha pra eles e você fica refém deles porque pra você vender fora você tem que te seis mil quilo de papelão, o preço é melhor...

Julia: E vocês vendem pra onde?

Dona Ana: Na Aparas de Papel de Marília, se você juntar seis mil quilo de papelão, nesse tempo o pessoal tem que comer e aí?

A gente atendia o catador da rua, ele vinha a gente pesava, mas hoje não tem condição, a gente não tem mais tempo nem espaço.

A gente ficou com alguns catadores antigos que separam o papel...

Julia: Então esses catadores que a gente vê na rua não fazem parte da COTRACIL?

Dona Ana: Infelizmente não. Eles vendem pra um atravessador que vai vender lá...

Julia: E quem é esse atravessador?

Dona Ana: Cada esquina tem um atravessador, é onde você vê escrito “compra papel” ...

Se cada lugar tivesse um entreposto daria pra juntar mais material e a gente vender fora, a gente ia cobrar uma porcentagem pequena deles porque tem que separar, prensar, mas, por exemplo, a gente vende a trinta e dois centavos o quilo, se você vender direto consegue um real, aí você compra do catador a noventa centavos.

Ele é muito explorado, por exemplo, uma catadora que a gente tinha a Dona Cícera, a gente falava “olha Dona Cícera, olha o peso aqui que eu to marcando...”, “mas eu não sei lê, eu confio na senhora”, eu dizia “tudo bem se confia em mim, mas tem que aprender!”. Até tinha um projeto de alfabetização, mas é muito projeto e pouca ação, muita conversa... É muita falação e pouca ação... Tem muito papel, todo mundo sabe da importância, mas a gente não tem estrutura...

Julia: Vocês têm esse projeto da cidade dividida nos entrepostos?

Dona Ana: A gente tem na cabeça de falar um para o outro...

Julia: Vocês têm o mapa da cidade dividido?

Dona Ana: Não, mas se você mostrar eu falo aqui é um bom lugar, aqui é bom...

O nosso mal é esse, nós não sabemos nem como escrever o projeto.

Eu vou definir o catador pra você em uma palavra, você já viu o rosto do catador? Ninguém vê, as pessoas acho que só tem perna e braço, que não família, nem come, nem bebe, que não sente, que só enche o saco, com o risco de vir na contramão em cima do seu carro, fedorento, essa é a imagem... Será que ele ama? Que ele odeia? Não todo mundo acha que é só perna e braço, tem cabeça, tem sentimento...

Essa é a luta da gente pras pessoas entenderem que o catador é gente, as vezes eu vou em algum lugar pra conversar, aí perguntam... “Quem que ta aí?” “Aquele catadora...”, “fala pra ela que eu fui pra Brasília e que eu nem volto!”, mas se eu for lá com você... “Quem é?” “É aquela catadora, mas ela ta acompanhada da moça que faz faculdade...” “Ah, seve um café pra elas... manda entrar”.

Embora você tenha aprendido com a vida o que importa é o papel.

Julia: É a senhora que faz a administração daqui?

Dona Ana: Não, como nós temos a subvenção da prefeitura aí os papéis têm que ta em ordem, aí nós tem o contador. Ele cobra um preço abaixo, mas cobra...

Julia: E vocês da cooperativa recebem um salário?

Dona Ana: Não, nós trabalhamos, vendemos a cada quinze dias, agora não ta dando pra vende por causa da chuva...

(...) Eu fui lá embaixo quebrei meu pé, fiquei alejado pro resto da vida por causa do barro, e o barro continua lá e agora mais dois

quebraram...disseram que vai sair o asfalto (...) Eu acho que isso é uma obrigação moral deles pelo trabalho que a gente faz na cidade.

Julia: e o prédio?

Dona Ana: é emprestado da prefeitura.

Julia: Vocês fazem uma carga horária diária?

Dona Ana: É muito difícil...

A gente tem a intenção de dá curso pra complementar a renda...

Julia: que tipo de curso? Artesanato?

Dona Ana: Artesanato não vira mais... Você faz um guardanapo vende a cinco reais no Torra Torra é um real, ninguém vai comprar só porque foi a gente que fez...

Tava pensando num curso de manicure, cabeleireiro, qualquer coisa que a mulher pode fazer, cursos mais técnicos, que rendessem dinheiro para complementar a renda.

Julia: Vocês têm alguma horta?

Dona Ana: Não a gente tem um projeto de fazer um viveiro de mudas ornamentais e horta de temperos e medicinal, pra vender, complementar a renda, mas pra isso a gente precisa de um trator, um agrônomo pra fazer isso, ensinar... Isso já faz três anos e nada...

Julia: A idéia é fazer isso com as pessoas que já estão aqui?

Dona Ana: Isso, exemplo, a mulher cata, mas ela tem em casa um marido e filho desempregado...

(...) óleo usado nós também recolhemos. A gente tinha um projeto com a UNIMAR de Biodiesel, mas teve um problema político e não se sabe o que aconteceu. A gente tinha um projeto de recolher o óleo da cidade pra fazer sabão... Se põe embalagem, aromatiza e vendia... A gente tem uma banca na feira de quinta-feira, mas a gente não tem o que por e põe as coisas dos outros.

Mas agora surgiu um japonês na cidade, isso a gente já falava pro DAEM faz tempo, “vamos fazer uma parceria, a COTRACIL recolhe o óleo, põe na conta de água, aí apareceu o japonês que parece que fez a parceria com o DAEM, agora ele quer que a gente recolha o óleo pra vender pra ele a um preço de merda pra ele revender.

Julia: Vocês fazem parte de algum movimento de catadores de material reciclado?

Dona Ana: Não, nós não podemos confrontar na rua, fazer passeata... O movimento Nacional de Catadores é outra furada! Porque eles são de ir pra cabeça das prefeituras, mas o negócio deles é encher o saco, eu não posso ir pras cabeças! Não dá certo!

A gente sempre ia pra Assis, reunião do Movimento Regional, mas a gente achou que tava perdendo tempo... a intenção era comprar um caminhão que servisse a região, mas aí veio o dinheiro, acho que compraram o caminhão, mas a gente não pode tocar no assunto!

Pra mim não serve! Você passa o dia discutindo e a coisa não vira! Não podemos perder tempo!

Sobre o museu do lixo

Dona Ana: (...) até vestido de noiva foi achado no lixo... O tempo de jogar fora você dá pra alguém... Um catador nosso vai casar com esse vestido.

Gente em toda rua tem um catador, pergunta pra ele se ele não quer isso!!

(...) tem até fotografia no lixo... Você vê o povo joga a própria estória no lixo!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)